

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JULIO MESQUITA FILHO
CAMPUS EXPERIMENTAL DE OURINHOS

RENAN VITOR DO AMARAL PINTO

**CAPOEIRA E GEOGRAFIA. UMA ABORDAGEM DA CULTURA AFRO-
BRASILEIRA NO ENSINO DE GEOGRAFIA.**

OURINHOS
2019

RENAN VITOR DO AMARAL PINTO

**CAPOEIRA E GEOGRAFIA. UMA ABORDAGEM DA CULTURA AFRO-
BRASILEIRA NO ENSINO DE GEOGRAFIA.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção do título de
Bacharelado em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr. Carla Cristina
Reinaldo Gimenes de Sena.

OURINHOS

2019

P659g	Pinto, Renan Vitor do Amaral Geografia e Capoeira : uma abordagem da cultura afro-brasileira no ensino de geografia / Renan Vitor do Amaral Pinto. -- Ourinhos, 2019 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus Experimental de Ourinhos, Ourinhos Orientadora: Carla Cristina Reinaldo Gimenes Sena 1. Capoeira. 2. Geografia. 3. Ensino de geografia. 4. Geo-história da Capoeira. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DEDICATÓRIA

Dedicado a todos meus ancestrais que abriram caminho para que eu chegasse até aqui. Em especial, minha mãe Cristiane Maria do Amaral Pinto, meu pai Luis Donizete da Silva Pinto e minha irmã Rainara do Amaral Pinto; os quais sempre me serviram de base e peças fundamentais para minha jornada, me incentivando e inspirando a seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por acreditar nesta jornada, me auxiliando e incentivando diariamente.

Agradeço ao meu mestre Gildo e a Capoeira que me acolheram e agregaram muito na minha passagem por Ourinhos, com a transmissão dos seus conhecimentos na cultura e na vida em geral. À capoeira me faltam palavras para agradecer este resgate cultural ancestral e enriquecedor.

Agradeço a Geografia e ao Campus da UNESP Ourinhos, todos profissionais, técnicos e professores que somaram nesta construção e possibilitaram o meu conhecimento a esta ciência grandiosa a qual me trouxe novas visões de mundo.

Agradeço à professora Dr. Carla Sena por me orientar na pesquisa e no projeto Residência Pedagógica, o qual participei no ano de 2018 e 2019 e me possibilitou a iniciação à docência. Agradeço também à professora Fátima Fardilone, tutora do programa e responsável pelas turmas da Escola Estadual José Augusto de Oliveira, as quais fizeram parte da minha vivência e aprendizados na educação.

Agradeço aos meus amigos e irmãos que tive oportunidade de conhecer nesta jornada, os quais me fortaleceram muito e compartilharam momentos bons e ruins cotidianamente. Juntos somos mais fortes e alcançamos vãos mais amplos.

Agradeço à República Sua Tia por me “adotar” e me educar, auxiliando no aprimoramento do convívio coletivo e me dando base estrutural e familiar neste novo lar, o qual tive a enriquecedora experiência de conviver durante estes cinco anos de graduação.

Por fim agradeço ao município de Ourinhos – SP que me recebeu e foi palco de toda essa jornada.



RESUMO

O referido trabalho visa dar ênfase a questões culturais, levando para a sala de aula aspectos da capoeira, cultura de caráter popular; focando no combate ao preconceito racial, na elevação da autoestima da criança e do adolescente; auxiliando na construção e compreensão da identidade sociocultural brasileira e buscando reaproximar a escola das culturas populares. O tema foi pensado sob a perspectiva da Lei nº 10.639/03, que determina o ensino da História e da Cultura Africana e afro-brasileira em estabelecimentos de ensino públicos e privados do país. O objetivo da pesquisa portanto é estudar e analisar aspectos históricos da Capoeira, do ensino de Geografia, além dos currículos e propostas pedagógicas nacionais para o ensino de Geografia, verificando se estas abrem espaço para a abordagem cultural nas escolas e o exercício dos aspectos legais da Lei nº 10.639/2003. A partir de pesquisa e entrevistas com professores foi desenvolvida e apresentada uma sequência didática abordando a Capoeira no ensino de Geografia, para o sétimo ano do ensino fundamental, contextualizando sua geo-história por meio de análises e conceitos geográficos.

SUMÁRIO

1.	Introdução.	7
1.1.	Objetivo Geral.	10
1.1.1.	Objetivos Específicos.	10
2.	Procedimentos Metodológicos.	12
3.	Gênese Cultural.	14
3.1.	O Termo Capoeira (definição).	17
4.	A Cultura da Capoeira e Suas Mudanças Socio-etnográficas.	18
4.1	Os Principais Mestres e Figuras Representativas na Capoeira.	27
4.1.1.	Zumbi dos Palmares.	28
4.1.2.	Besouro de Mangangá.	29
4.1.3.	Mestre Pastinha.	31
4.1.4.	Mestre Bimba.	33
4.2.	A Mulher na Capoeira.	34
4.3.	A Cadência do Jogo.	35
5.	Territorialidades da Capoeira – Das Capoeiras às Academias e Praças.	39
6.	O Ensino de Geografia.	49
6.1.	Propostas Curriculares Para o Ensino de Geografia,	55
6.2.	A Abordagem Cultural da Capoeira no Ensino de Geografia.	61
7.	Desenvolvimento na Escola.	64
8.	Considerações Finais.	70
9.	Referências Bibliográficas.	72

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa dar ênfase a questões culturais, levando para a sala de aula aspectos da capoeira, cultura de caráter popular; focando no combate ao preconceito racial, na elevação da autoestima da criança e do adolescente; auxiliando na construção de sua identidade social e buscando reaproximar a escola das culturas populares.

O intuito da introdução da cultura da capoeira no ensino de Geografia não é a performance dos alunos, tão pouco seu desempenho físico, visando apenas atingir a consciência do aluno. Não se trata, então, de formar capoeiristas, mas de ajudar na formação de seres humanos capazes de lidar com a diferença, com seriedade, tornando-se livres de preconceitos e mais tolerantes às demais culturas; além de conseguirem identificar as relações da evolução desta arte com os demais acontecimentos históricos e geográficos ocorridos no território.

O tema foi pensado sob a perspectiva da Lei nº 10.639/03, que determina o ensino da História e da Cultura Africana e afro-brasileira em estabelecimentos de ensino públicos e privados do país. Portanto, a lei determina novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, partindo de uma abordagem que se tratava apenas do passado escravocrata deste povo para uma abordagem humanista e cultural, destacando em sala de aula esta matriz cultural como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Com a Lei 10.639/03 também foi instituído o Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares. O Dia da Consciência Negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil. Sendo assim, em uma conversa com meu mestre de capoeira decidi pesquisar sobre a Cultura da Capoeira e o ensino de Geografia; sua geo-história, preconceitos sociais, músicas e instrumentos musicais utilizados, a formação e história dos mestres de capoeira, entre outros; e como esta abordagem cultural poderia contribuir para o ensino de Geografia no ensino fundamental II.

Esta análise será fundamentada por meio da Geografia Cultural com base em autores clássicos e atuais desta Pedagogia, como Paul Claval, Roberto Lobato

Corrêa, entre outros. Além de artigos, livros e documentários a respeito especificamente da cultura da capoeira.

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (CLAVAL, 1995, p.63).

Tomando como referência o autor citado acima, pode-se deduzir que a cultura da capoeira não foi imutável, sofrendo transformações durante os anos, transformações estas que geraram dois elos na cultura da capoeira, a capoeira originária (Angola), e a capoeira regional, modificada e responsável pela aceitação da arte pelo poder público em academias e escolas. Esta modificação fez com que a capoeira regional fosse menos alegórica e mais esportiva e marcial (para autodefesa), além da disciplinarização e cunho didático da arte que também favoreceram a legitimação da mesma. Após anos de luta e resistência em 2014 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) declarou a roda de capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Estas mudanças socioetnográficas ocorridas na capoeira serão analisadas mais a fundo com o desenvolvimento da pesquisa.

A imagem da capoeira, hoje associada à representação de uma Bahia africana, étnica e tradicional, recebeu ao longo da história múltiplas interpretações, seja nas vozes dos próprios protagonistas, praticantes dessa arte, seja naquelas dos comentadores que se interessaram por essa temática desde os primórdios do século XX. Os debates e reflexões sobre o que seria a verdadeira natureza e origem da capoeira passaram a intensificar-se na época da legitimação da prática, no final dos anos de 1930, chegando a levantar duras polêmicas entre os diversos comentadores. Nas matérias publicadas em jornais, nos escritos dos mestres, nos trabalhos acadêmicos que se dedicaram ao estudo da capoeira, vemos reiterado o esforço em captar a singularidade dessa manifestação, cuja natureza complexa dificulta que seja classificada através de expressões tais como jogo, dança, esporte, luta tradicional ou arte marcial (ZONZON, 2011, p.231).

As mudanças socioetnográficas sofridas pela capoeira nos meados de 1930 representaram importantes aspectos sociais e culturais, os quais possibilitaram a capoeira sua legitimação cultural, quando a mesma deixa de ser criminalizada e passa a ser desenvolvida em academias e escolas. Anteriormente à legitimação cultural, a capoeira foi difundida como luta de autodefesa utilizada pelos negros escravizados, os quais utilizavam de golpes para se safar dos maus feitores e fugir para os quilombos, significando assim um importante movimento de resistência às barbáries sociais da época.

Com o passar dos tempos e cada vez mais crescente a sua fama de lutador e de implantar grandes desordens em fração de segundos, sem possibilidade de ser molestado, consequentemente ficando oculto, para quem estava a serviço, o capoeira passou a ser a cobiça de políticos. Serviria de instrumento de luta ora para a nobreza, que dava os seus últimos suspiros, ora para os republicanos, que lutavam encarniçadamente para obterem a vitória sobre o trono, daí os graves acontecimentos que abalaram o país, nos fins do século passado, já anteriormente estudados neste ensaio e registrados por Gilberto Freyre, ao fazer a história da decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano. Com isso, a capoeira, um folguedo por propósito, começa a sofrer mudanças de caráter etnográfico, em sua estrutura – a luta que era um acontecimento passou a ser um propósito. Por outro lado, isso acontecia justamente num período em que a sociedade brasileira chegava ao auge nas suas transformações de base por que vinha passando e com essa transformação verificada nos meios finos ou superiores, deu-se a degradação das artes e hábitos mestiços que já se haviam tornado artes e hábitos da raça, da classe e da região aristocrática, em artes e hábitos de classes, raças e regiões consideradas inferiores ou plebeias. Foram várias essas degradações; e algumas rápidas. Como se vê, a capoeira, por uma determinação sociológica, não poderia estar imune a essas transformações (REGO, 1968, p.360).

O desenvolvimento urbano e regional que influenciou as transformações culturais é um importante aspecto a ser trabalhado também nas aulas de Geografia e História durante os anos finais do ensino fundamental. Esta mudança e popularização da cultura serão abordadas no desenrolar da pesquisa com o apoio bibliográfico de autores especializados no assunto.

Segundo Claval (2011), o processo da construção da cultura é também um processo social, o que é transmitido, feito de atitudes, costumes, representações e valores que circulam num grupo e lhe dão coerência; sendo esta a razão que justifica a Geografia Cultural ser sempre sociocultural. A transmissão é o processo social mais importante, pois é ele que faz cada um, um ser social, que lhe dá uma certa semelhança com os outros membros do grupo, suscitando a formação duma

consciência comum. Portanto, esta transmissão cultural irá variar de acordo com cada organização social da época e as legislações governamentais vigentes.

A abordagem desta cultura originária de povos afrodescendentes é importante para estudar a pluralidade cultural, discutir a diversidade e a ética (aquisição de capacidades morais, conceitos de valor, virtudes e ideias éticas, construindo com os alunos o sentido de coletividade e a valorizar as identidades pessoais, respeitando ao mesmo tempo as diferenças), além de explorar aspectos culturais originais do Brasil, os quais encontram suas raízes na diáspora africana. Será apresentado, portanto, a análise geo-histórica da Capoeira e a presença deste e demais temas culturais no currículo de Geografia e História, discutidos por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017.

Após esta análise desenvolveu-se um plano de aula com o objetivo da aplicação da Capoeira como tema didático no ensino de Geografia. Esta aula foi aplicada junto ao mestre de Capoeira para o sétimo ano da Escola Estadual Professor José Augusto de Oliveira, no município de Ourinhos-SP. Procedente a este capítulo é apresentado parte dos resultados e considerações finais da pesquisa.

1.1. Objetivo Geral

O objetivo da pesquisa é estudar e analisar aspectos históricos da Capoeira, do ensino de Geografia, além dos currículos e propostas pedagógicas nacionais para o ensino de Geografia e verificar se estas abrem espaço para a abordagem cultural nas escolas no exercício dos aspectos legais da Lei nº 10.639/2003.

1.1.1. Objetivos Específicos

Analisar o projeto político-pedagógico de uma escola pública do município de Ourinhos para identificar elementos da Lei nº 10.639/03. Destacar aspectos legais desta lei observados nas propostas curriculares de Geografia.

A partir de pesquisa, entrevistas, desenvolver uma sequência didática para se trabalhar a Capoeira no ensino fundamental, abordando sua geo-história por meio de análises e conceitos geográficos.

Avaliar o potencial da capoeira como tema interdisciplinar nas aulas de Geografia.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Este estudo foi desenvolvido por meio de levantamentos bibliográficos acerca da cultura da capoeira, tais como livros, artigos e documentários de mestres de capoeira e especialistas da área. Foram utilizados em grande parte do estudo vídeos documentários, os quais contêm entrevistas e histórias de vidas dos antigos mestres de capoeira, transmitidos e eternizados através da oralidade, importante aspecto da transmissão cultural.

Através destas análises, foram desenvolvidos mapas que auxiliem a compreensão destes acontecimentos socioculturais ocorridos. Através das referências foram levantados dados que serviram de fomento para a organização e desenvolvimento dos mapas no software QGis.

Para a confecção dos mapas foi utilizado o *shapefile*, com os vetores da divisão política dos países do mundo de domínio público, dos Estados do Brasil, municípios e regiões da Bahia disponíveis na base de dados do IBGE e do Território de Identidade do Recôncavo Baiano, disponível no site da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. O processo de produção envolveu dissolver as camadas vetorizadas e atribuir a simbologia desejada ao item a ser representado, em seguida foi elaborado o *layout* para cada imagem.

Portanto, foram analisados livros e documentários históricos acerca da cultura da Capoeira, artigos e livros acerca da Geografia Cultural e artigos e documentos que tratam sobre o ensino de Geografia, Geografia Cultural e elementos da Lei 10.639/2003 no currículo escolar, apresentando um breve apanhado histórico da Capoeira, do ensino de Geografia e analisando se os currículos e propostas pedagógicas nacionais para o ensino de Geografia abrem espaço para esta abordagem cultural nas escolas.

No levantamento bibliográfico e estudo da legislação pertinente, foi incluído o Projeto Político Pedagógico da escola participante, sendo apresentado aos alunos do ensino fundamental de maneira didática, exposta e discutida, em média, durante duas aulas de cinquenta minutos.

A aula expositiva e dialogada inicialmente abordou aspectos históricos e culturais da capoeira, suas características, fundamentos e mudanças socioetnográficas (evolução da arte na sociedade/ legitimação). Em seguida, houve a participação do Mestre Gildo Pereira Nunes, do grupo Ritmo Baiano, o qual

dialogou com os alunos sobre sua trajetória na Capoeira, a importância dos mestres para a continuidade da cultura, apresentando-lhes de maneira prática o berimbau, seus ritmos e sua função na roda de capoeira.

A sequência didática apresentada aos alunos do ensino fundamental envolveu a cultura da capoeira, através do desenvolvimento de um plano de aula adaptado de Libâneo, o qual será apresentado posteriormente, para o estudo dos processos geo-históricos; dentre eles, as migrações internacionais (se tratando da diáspora africana), o estudo do território brasileiro (como a formação cultural regional), para gerar uma análise cartográfica que represente estes movimentos, relacionando, por exemplo, migrações internas do país e a expansão territorial da cultura baiana (afro-brasileira).

Território foi um dos principais conceitos abordados na pesquisa, uma categoria de análise na ciência geográfica indispensável para se discutir relações culturais que estão inseridas em um espaço; e este espaço está envolto por uma relação de poder que caracteriza o território. Raffestin (1993) considera que o homem “territorializa” o espaço, é um agente social transformador do espaço e leva-o em consideração em relação a esse território.

Os territórios surgem portanto das relações sociais de poder que são exercidas no espaço. A “territorialidade adquire um valor particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma sociedade (RAFFESTIN, 1993). O autor considera que os homens estão inseridos e/ou “vivem” o processo territorial, e em seu ponto de vista, todas as relações existentes são de poder; portanto estas relações são mutáveis assim como o próprio conceito de território que com o tempo passa a adquirir novas concepções

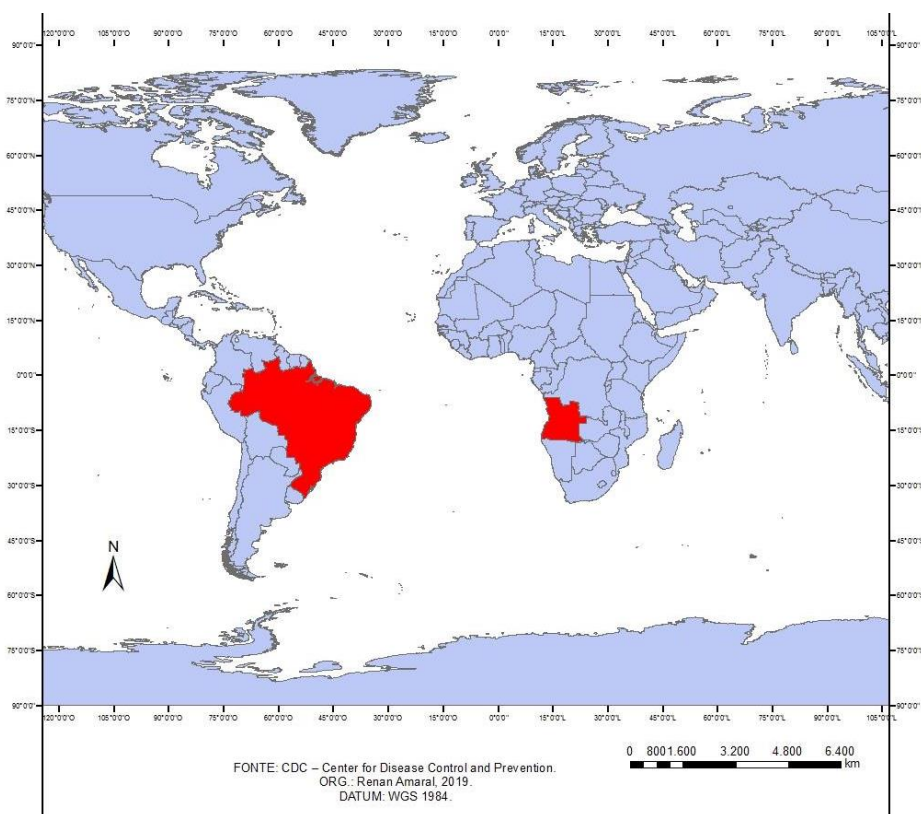
A partir da década de 1980, o conceito de território para a Geografia, passa a abranger além do cunho político, econômico e das relações de poder, as questões culturais. Em meio a sua “evolução” passou a considerar os agentes sociais do território, a cultura, e também a territorialidade desses agentes, de acordo com o vivido; indo além das relações de poder.

Foi aplicado um questionário aos professores do ensino fundamental, antes das aulas expositivas, o qual visou diagnosticar o grau de conhecimento que os mesmos têm sobre a cultura da capoeira e qual seu potencial didático no ensino de cultura afro-brasileira nas aulas de Geografia no ensino fundamental II.

3. GENÊSE CULTURAL

A capoeira é uma das culturas afro-brasileira nascida na Bahia com raízes africanas. Segundo estudiosos e africanistas ela foi desenvolvida pelos escravizados vindos de Angola que, ao chegarem em terras tupiniquins sob o bárbaro regime de escravidão, tiveram a necessidade de modificar seu rito cultural conhecido como *N'golo*, adaptando golpes mais eficazes para sua autodefesa frente aos Capitães do Mato. O rito cultural *N'golo* era exercido na Angola pelos jovens que, em certo momento de suas vidas, enfrentavam-se em um ritual de luta para disputarem as mulheres da tribo. Este ritual é conhecido como 'dança da zebra' (*N'golo*), havendo semelhanças entre os combates exercidos por esta espécie.

Mapa 1: Matriz Cultural – Migração Angola Brasil



Fonte: REGO, 1968. Org. Renan Amaral, 2019.

Waldeloir Rego, em seu livro *Capoeira Angola* de 1968, argumenta que a sobrevivência das primeiras engenhocas, o plantio da cana-de-açúcar, do algodão,

do café e do fumo foram os elementos decisivos para que a metrópole enviasse para o Brasil os primeiros escravizados africanos. Diante disso, surgem as questões de quando chegaram esses primeiros escravos, se vieram de Angola e se trouxeram de lá a capoeira ou inventaram-na no Brasil.

O autor relata com fatos históricos que, de maneira infeliz, o conselheiro Rui Barbosa prestou um mau serviço, mandando queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, quando Ministro da Fazenda, no governo discricionário do General Deodoro da Fonseca, por uma resolução que apresenta o seguinte teor:

Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance da sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão – a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, inficionou-lhe a atmosfera moral;

Considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira;

Resolve:

1.º– Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papeis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativo ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2.º– Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão. Capital Federal, 15 de dezembro de 1890– Ruy Barbosa (REGO, 1968, p.10).

Deste modo, tornou-se impossível precisar a data em que chegaram os primeiros escravizados ao Brasil e quais eram suas etnias. Por este motivo, o autor e demais pesquisadores da área basearam-se nos relatos orais de capoeiristas antigos e recentes da época de sua pesquisa, mais precisamente na Bahia e no Rio de Janeiro em 1968.

De acordo com as linhas de pesquisa, a modificação cultural do *N'golo*, somada a golpes marciais de autodefesa, deu início a capoeira, que era aplicada com destreza pelos escravizados para abaterem seus malfeitores. A Capoeira após suas modificações culturais, era utilizada nas fugas dos engenhos para os quilombos, quando os capoeiristas surpreendiam os capitães do mato ao chegarem

em matas rasteiras, caracterizando-se, então, por uma cultura rural a partir do momento em que ela se desenvolveu e foi treinada nas matas de capoeira, as quais deram origem ao nome da cultura.

Além de ser desenvolvida em ambientes rurais como os engenhos, a capoeira mostrava-se presente também em portos, onde se localizavam e transitavam inúmeros escravizados, havendo relatos da arte nas cidades portuárias de Salvador, Rio de Janeiro e Recife, importantes palcos da difusão cultural africana e afro-brasileira.

O fato de a capoeira originária chamar-se Capoeira Angola nos leva a crer que seus primeiros praticantes e desenvolvedores são originários da Angola. Porém, não há documentação precisa para afirmar, com segurança, terem sido os negros de Angola os que inventaram a capoeira, ou mais especificamente a *Capoeira Angola*, nem mesmo terem sido eles os primeiros negros que aqui chegaram e em maior número dentre os escravos importados. Outro indicativo são as cantigas, golpes e toques que falam sempre em Angola, Luanda, Benguela, quando não intercalados com termos em língua bunda.

Por outro lado, há também a maneira de ser desses negros, muito propensa aos folguedos, sobretudo dessa espécie. Braz do Amaral, dentre outros, afirma que os negros de Angola eram insolentes, loquazes, imaginosos, sem persistência para o trabalho, porém férteis em recursos e manhas. Tinham mania por festa, pelo reluzente e o ornamental. Seu pendor para festa, fertilidade de imaginação e agilidade eram o suficiente para usarem e abusarem dos folguedos conhecidos e inventarem muitos outros. Além da sua capacidade de imaginação, buscaram os negros elementos de outros folguedos e de coisas outras do cotidiano para inventarem novos folguedos, como teria sido o caso da capoeira (REGO,1968, p.31).

De acordo com a citação acima, a criação da capoeira é ligada aos negros Bantos por estes serem festivos, ágeis e de férteis imaginações, sendo surgida da soma de outras festas e comemorações exercidas pelos mesmos, como a puxada de corda, o samba de roda e o *makulele*, também provenientes da cultura africana.

Outro fato que indica a origem da capoeira no Brasil é seu dialeto, seus golpes e cantos que são nomeados em português, como rabo-de-arraia, rasteira, martelo, armada, entre outros, diferente por exemplo, da cultura e religião do candomblé, cultura africana que manteve ao longo de sua história o dialeto africano, como *Exu*, *Orun*, *Aiye*, etc.

3.1. O Termo Capoeira (definição).

A palavra capoeira tem origem no Tupi, onde *Capueira* vem de *kopuera* – roça abandonada da qual o mato já tomou conta. A troca do ‘o’ para ‘a’ deve-se a influência da palavra mais corrente *káá*, mato. Entretanto, o índio nunca chamaria ao “mato novo” de antigo roçado *kaá-pûera* – “mato extinto”, quando a capoeira é, na verdade, um mato renascido. A palavra gerou assim diversos debates etimológicos, tendo seu primeiro registro em 1712.

De acordo com Rego (1968) são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo *caá*, mato, floresta virgem, mais *puêra*, pretérito nominal que quer dizer “o que foi”, “o que não existe mais”, étimo este proposto em 1880 por Macedo Soares.

Em meados de 1966 a palavra é introduzida no dicionário português e se remete a Capoeira como um jogo ou o jogador que a pratica, além de significar também uma vegetação ou meramente um cesto onde se carrega frangos. Waldeloir Rego (1968) relata em sua obra a respeito de uma carta que recebeu de um etimólogo.

A etimologia que eu hoje aceito para Capoeira é a que vem no livro de Brasil Gerson sobre as ruas do Rio de Janeiro. Os escravos que traziam capoeiras de galinhas para vender no mercado, enquanto ele se abria, divertiam-se jogando capoeira. Por uma metonímia *res pro persona*, o nome da coisa passou para a pessoa com ela relacionada (REGO, 1968, p.27).

O autor demonstra como as preposições se diferem uma das outras, fazendo com que não se tenha uma doutrina firmada sobre a definição etimológica desta palavra.

4. A CULTURA DA CAPOEIRA E SUAS MUDANÇAS SOCIO-ETNOGRAFICAS

A capoeira é uma cultura afro-brasileira nascida na Bahia e desenvolvida pelos filhos de africanos, tratando-se, especificamente, de uma cultura de legado africano que foi transformada/modificada em território brasileiro.

(...) Cultura não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (CLAVAL, 1995, p.63).

Por se considerar uma cultura africana, a mesma era julgada com racismo e preconceitos dos malfeitores da época escravocrata, gerando receio destes por conta do culto religioso ligado a arte e seus golpes de autodefesa. Os capoeiristas eram, portanto, tratados como marginais pela sociedade, pois ameaçavam a ordem escravista e a ordem urbana da época, sendo os praticantes perseguidos pela polícia.

Sendo assim, a Capoeira desde seu início foi tida como uma cultura de resistência, indo contra as ordens sociais da época escravocrata e tratada com repúdio também no período republicano brasileiro.

É por meio dos boletins policiais que surgem as primeiras fontes de relatos da capoeiragem, onde se encontram relatos de capoeiristas que eram detidos na capital do Rio de Janeiro no século XIX e enviados para a Ilha de Fernando de Noronha, fatos estes estudados por Soares e Luis Sergio Dias, os primeiros teóricos do assunto. Estes capoeiristas do Rio de Janeiro eram, portanto, conhecidos por irem contra as ordens policiais daquele período e se envolverem em confusões marcadas por cabeçadas, rasteiras e navalhadas (IPHAN, 2014).

De acordo com relatos do documentário “Memórias do Recôncavo”, de 2008, neste período ilegal da capoeira um dos capoeiristas que mais ganhou destaque e ainda é considerado como lendário pelos capoeiristas foi Besouro de Mangangá, quilombola que, com sua capoeira, trazia grandes problemas aos capitães do mato. Muitas são as lendas que permeiam a vida de Besouro; diziam que quando acontecia alguma confusão, o capoeirista se transformava num besouro e saía voando, ou então se transformava simplesmente em um toco de pau. Diziam também que o mesmo tinha o corpo fechado, que possuía poderes mágicos e que sabia orações milagrosas.

Besouro de Mangangá é uma figura muito importante para a cultura baiana, lembrado até os dias atuais pelos praticantes e mestres de capoeira. Além dele, Zumbi dos Palmares, também figura emblemática, representa todo movimento quilombola e antiescravista. Zumbi viveu de 1655 a 1695 e foi líder do Quilombo dos Palmares, considerado o maior do país. Mesmo sendo livre, Zumbi lutou contra a escravidão para defender a liberdade de todos negros. Esta atitude de destreza e resistência fez com que ele se tornasse um dos maiores expoentes da luta contra a escravidão no Brasil.

Em 20 de novembro de 1695, depois de muitas tentativas falhas, Zumbi foi localizado e cercado pelas tropas portuguesas, onde foi morto, esquartejado e sua cabeça foi salgada e mandada para Recife, onde foi exposta em praça pública com a intenção de provar a todos que Zumbi não era imortal, ao contrário dos boatos que corriam na época. Neste mesmo dia, 20 de novembro, é comemorado no Brasil o Dia da Consciência Negra. A data homenageia este importante expoente e tem o objetivo de trazer a todos uma reflexão sobre a importância do povo e da cultura africana em nosso território, além da análise dos impactos e influências no desenvolvimento da identidade cultural brasileira.

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram (CLAVAL, 1995, p.63).

A cultura afro-brasileira da Capoeira foi proibida até meados dos anos 40 pois se tratava de uma cultura alternativa, a qual distinguia-se das culturas dominantes europeias tidas como hegemônicas pela sociedade brasileira daquela época e ainda dos dias atuais, onde a colonização portuguesa deixou vestígio desta dominação cultural europeia. A cultura, portanto, contém e está contida em um ambiente político, não sendo apenas um mero reflexo das condições econômicas. A cultura constitui-se em “parte ativa e integral das condições sociais de existência” (MITCHELL, 2000apud CORRÊA, 2002 p.169), onde a mesma envolve e está envolvida em “relações de poder, refletidas em padrões de dominação e subordinação” (JACKSON, 1989 apud CORRÊA, 2002, p.170).

Neste sentido, fala-se em política cultural e produção cultural, ingredientes cruciais da existência e reprodução social (MITCHELL, 2000), onde a Capoeira representou e ainda representa uma enorme resistência cultural afro-brasileira, sendo proibida e criminalizada pela República de 1890 a 1935, atitude esta que alimentou ainda mais o preconceito social contra seus praticantes neste período e nos demais.

A capoeira foi inventada com a finalidade de divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes. Ao lado do normal e do cotidiano, que era divertir, era luta também no momento oportuno. Não havia *Academias de Capoeira*, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. Antigamente havia capoeira, onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça, com um largo bem em frente, propício ao jogo (REGO, 1968, p.36).

No seu período ilegal, a capoeira teve de ser mistificada, disfarçada em dança por seus praticantes para iludirem os maus feitores que proibiam a luta de autodefesa. Além de ser disfarçada também em música, por meio do samba e através do pandeiro, instrumento musical europeu que não era discriminado e foi incorporado a cultura afro-brasileira, como o exemplo da sua presença no samba e na capoeira. Por este motivo de discriminação que a cultura da capoeira assumiu suas diversas características, sendo definida ainda hoje como dança, jogo e luta, abrangendo espaço nas áreas culturais e esportivas.

A capoeira tida como originária foi contida exclusivamente pela cultura africana, com toques e jogos lentos, de aspecto folclórico. Ela foi bem difundida e é representada até hoje por Mestre Pastinha, o mais importante mestre da Capoeira Angola e responsável por sua trajetória. Ademais, em 1900, nasce Bimba, um capoeirista de rua futurista, o qual modernizou a capoeira e foi responsável por sua descriminalização.

Bimba nasce em 1900, época onde a capoeira ainda era criminalizada pela República. Porém, ele pensa adiante e se preocupa com a perpetuação da cultura da capoeira. Ao notar que a capoeira estava enredada pela repressão, Bimba decide mudar seu comportamento de um mero marginal, como eram vistos os capoeiristas, para educador, explorando o potencial que a arte tinha para a educação física.

Praticou a Capoeira Angola durante 12 anos e, percebendo que esta capoeira estava muito alegórica e fraca, decide transformá-la, adicionando um toque a mais no berimbau para tornar o jogo mais acelerado, com defesas rápidas e precisas.

Nasce, então, a Capoeira Regional, sem causar uma ruptura cultural, apenas uma evolução da arte ou mera modificação.

A capoeira é uma só, com ginga e determinado número de toques e golpes, que servem de padrão a todos os capoeiras, enriquecidos com criações novas e variações súteis sobre os elementos matrizes, mas que não os descaracterizam e interferem na sua integridade. Apenas o que houve na capoeira dita regional, foi que o Mestre Bimba a desenvolveu, utilizando elementos já conhecidos dos seus antepassados e enriquecendo com outros a que não lhes foi possível o acesso. Mesmo assim, os elementos novos introduzidos, são facilmente reconhecidos e distintos dos tradicionais como é o caso dos *golpes ligados* ou *cinturados*, provenientes dos elementos de lutas estrangeiras. O que não se verifica nos golpes tradicionais, onde os capoeiras não se ligam e mal se tocam (REGO, 1968,p.32)

Em 1932, mestre Bimba abre a primeira academia de capoeira em Salvador-BA, a terceira academia de lutas do Brasil, com a definição de Luta Regional Baiana, para melhor aceitação. Como naquela época a capoeira ainda era discriminada, houve a descaracterização de aspectos que tinham relação com o Candomblé e o Samba, culturas negras discriminadas e não aceitas pelo racismo da época.

O racismo impedia a visibilidade da capoeira, onde a mesma era praticada somente por negros e tida como uma cultura de fundo de quintal, restrita. De acordo com relatos contidos no documentário de sua biografia, Mestre Bimba - a Capoeira Iluminada de 2005, em torno de 1936 Bimba foi rodeado por sete soldados, onde bateu em todos e os desarmaram. Na tarde do dia seguinte, sai uma nota no jornal sobre o acontecido, trazendo visibilidade a ele e a cultura baiana.

O mestre criador da Capoeira Regional, assim chamada pelos praticantes, também fazia apresentações culturais para ganhar visibilidade e aceitação. Além de colocar sua capoeira nos ringues da Bahia, desafiando as demais lutas já padronizadas, Bimba torna-se campeão baiano, vencendo disputas contra as demais artes marciais. Neste mesmo período, ele é convidado a desfilar no cortejo de 2 de Julho com seus alunos, quando esta programação foi fortemente criticada pelos cidadãos da elite por integrar a capoeira a uma das maiores festas cívicas da Bahia.

A jornada de Mestre Bimba na capoeira passa a mudar a partir do momento em que surge Cislando, um jovem universitário branco que queria treinar com ele. Cislando, em um primeiro momento, é rejeitado pelo mestre por ser branco, porém com insistência e desejo de iniciar na arte ele foi sujeito a um teste de enforcamento,

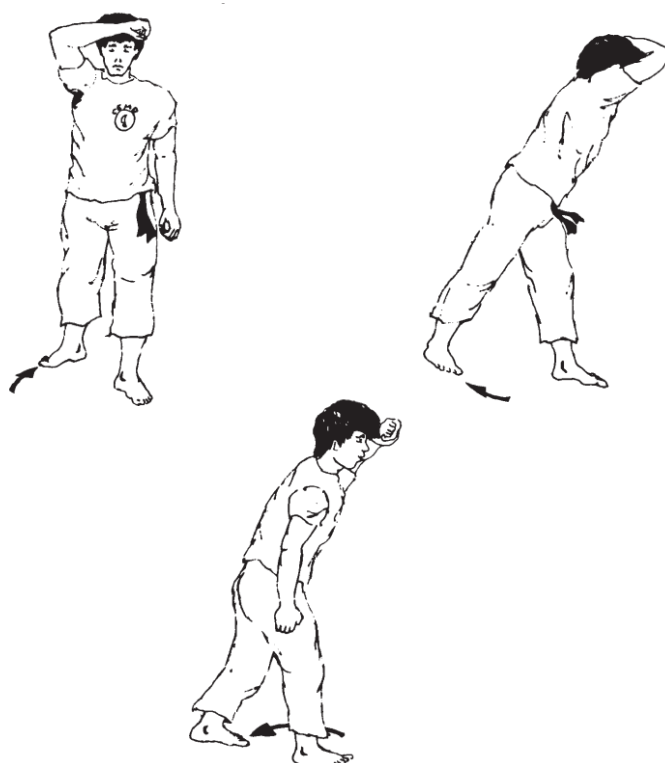
ritual antigo exercido pelo mestre, onde só poderia treinar com ele o aluno que suportasse 5 minutos no “colar de força”. Cislando, por já ser iniciado em outras artes marciais europeias, suporta o enforcamento e então passa a treinar capoeira com Mestre Bimba (MESTRE Bimba – A Capoeira Iluminada. Direção de Luiz Fernando Goulart. Lumen Produções, 2005. 1h17min.).

Com o tempo, Cislando adapta-se aos treinos e passa a levar outros universitários para aprender capoeira, fortalecendo o elo entre a Universidade Federal da Bahia, local onde se concentravam um grande número de nordestinos, e a academia de capoeira de Mestre Bimba, localizadas no mesmo terreno. O Mestre passa então a ensinar em repúblicas universitárias do Ceará, Rio Grande do Norte, entre outras, que influenciaram sua carreira.

A Capoeira Regional de Mestre Bimba, a partir deste momento, passa a apresentar ainda mais uma linha de aprendizagem acadêmica, com a criação da “sequência de Bimba”, uma linha de aprendizagem com cerca de dezesseis movimentos básicos de ataque e defesa e um determinado número de toques e ladainhas, que variam de acordo com a intensidade e velocidade do ritmo do berimbau.

Movimentos básicos da Capoeira

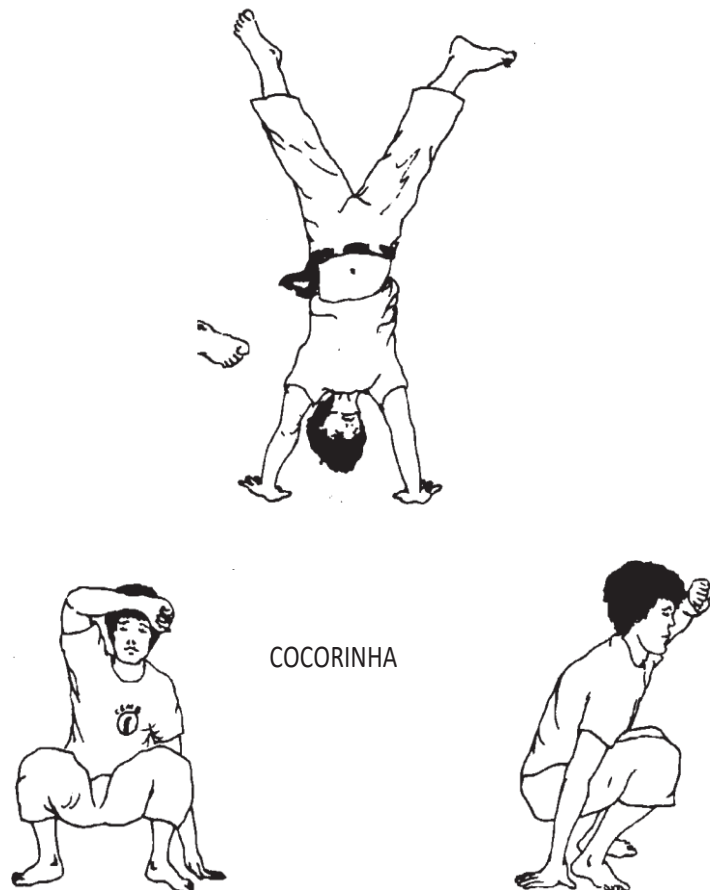
Imagem 1: Ginga



A ginga é o movimento básico e fundamental, o qual diferencia a arte das demais modalidades de lutas, servindo para se estudar o jogo do adversário, preparar e deferir golpes de ataque e ao mesmo tempo auxiliar na esquiva e defesa de golpes adversários, por conta da sua intensa movimentação de um lado para o outro.

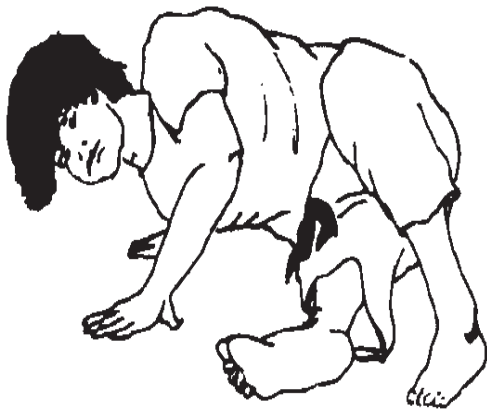
Os demais movimentos básicos da capoeira, segundo Hélio Campos (2001), são: Aú, Cocorinha, Negativa e Role. Nas imagens 2 e 3 abaixo a ilustração de tais movimentos.

Imagem 2: Aú e Cocorinha

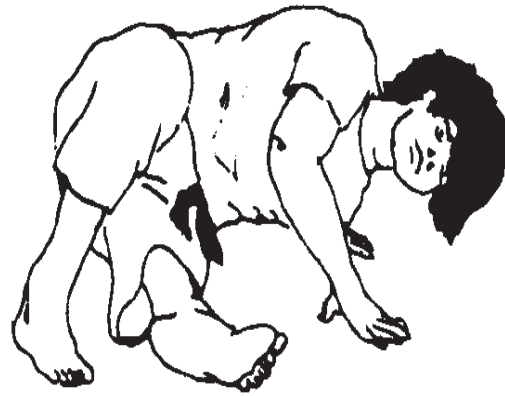


FONTE: CAMPOS. Hélio. 2001, p. 56.

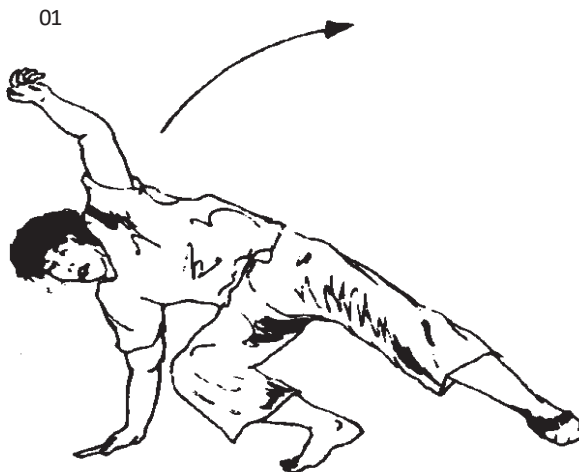
Imagem 3: Negativa e Rolê.



Pernadireita



Perna esquerda



Fonte: CAMPOS, Hélio, 2001, p.57.

Estes movimentos básicos da Capoeira constituem-se em movimentos de defesa que auxiliam na flexibilidade, agilidade e reflexo, desenvolvendo no capoeirista a confiança necessária para prosseguir com os demais aprendizados.

De acordo com a aprendizagem e evolução destes alunos, a graduação ocorre numa sequência de 20 estágios e cordões, que se iniciam na infância e se prolongam até o vigésimo estágio, quando o capoeirista recebe o cordão branco e se torna mestre de capoeira.

Estes estágios evoluem de acordo com o desenvolvimento do aluno e por meio dos batizados, roda de capoeira com celebração das trocas de cordão, evento este que acontece em média uma vez ao ano em cada academia ou grupo de capoeira e se assemelham a formaturas. O sistema de graduação varia de acordo com cada grupo de capoeira. Na capoeira regional, a graduação é representada pela cor do cordão amarrado na cintura do capoeirista.

Imagem 4: Sequência de cordas e graduações.



Fonte: Confederação Brasileira de Capoeira.

Existem várias entidades (Ligas, Federações e Confederações) que tentam organizar a graduação na capoeira. Atualmente a Confederação Brasileira de Capoeira adota o sistema de graduação feito por cordões e seguindo as cores da bandeira brasileira. A ordem de graduação do iniciante ao mestre é apresentada da seguinte forma:

- A- Graduação Infantil (até 14 anos)
- 1º iniciante: sem corda ou sem cordão

- 2º batizado infantil: cinza claro e verde
- 3º graduado infantil: cinza claro e amarelo
- 4º graduado infantil: cinza claro e azul
- 5º intermediário infantil: cinza claro, verde e amarelo
- 6º avançado infantil: cinza claro, verde e azul
- 7º estagiário infantil: cinza claro, amarelo e azul
- 8º Formado infantil: cinza claro, verde, amarelo e azul
- B- Graduação Adulta (a partir de 14 anos)
- 9º iniciante: sem corda ou cordão
- 10º batizado: verde
- 11º graduado: amarelo
- 12º graduado: azul
- 13º intermediário: verde e amarelo
- 14º avançado: verde e azul
- 15º estagiário: amarelo e azul
- C- Docente de capoeira
- 16º estágio – Formado: verde, amarelo e azul
- 17º estágio – Monitor: verde e branco
- 18º estágio – Professor: amarelo e branco
- 19º estágio – Contra-mestre: azul e branco
- 20º estágio – Mestre: branco

Fonte: Confederação Brasileira de Capoeira.

A sequência e os fundamentos criados por Mestre Bimba originaram a Capoeira Regional, sendo a base de toda esta vertente da cultura e servindo como orientação para as graduações capoeirísticas. É de extrema importância ser seguida pelos mestres e alunos da Capoeira Regional e, portanto, para os praticantes e mestres torna-se indispensável seguir os “mandamentos” e a sequência de Bimba, para ser considerado um Capoeirista Regional.

Somente em 1939, com o destaque de mestre Bimba e a difusão da Capoeira Regional em apresentações artísticas, a Capoeira sai da marginalização e ganha aceitação no governo de Getúlio Vargas, conquistando espaço e ultrapassando as barreiras de classe e raça, oportunizando qualquer pessoa a praticar: homem, mulher, adultos, crianças e idosos de todas as camadas sociais (REGO, W. 1968).

Bimba fez parte da geração que revolucionou a cultura negra nas Américas em quesito de aceitação, tratando-se de um fenômeno cultural neste continente, o qual envolve também as escolas de samba o carnaval moderno e o Jazz nos Estados Unidos, por exemplo.

Em 1973 o mestre muda-se da Bahia para Goiânia por motivos financeiros, vindo a falecer no ano seguinte por conta de um derrame cerebral. Em 1996, em homenagem *post mortem*, a Universidade Federal da Bahia lhe concede o título de Doutor Honoris Causa, sendo reconhecido como educador e o primeiro mestre de capoeira a se tornar doutor. Bimba, com sua visão futurista, foi um dos responsáveis

pela aceitação da capoeira e a difusão da cultura por todo Brasil e mundo com um legado de mestres formados que possibilitaram a perpetuação cultural desta arte (MESTRE Bimba – A Capoeira Iluminada. Direção de Luiz Fernando Goulart. Lumen Produções, 2005. 1h17min.).

.Com o passar do tempo, a Capoeira sofreu modificações em relação ao seu funcionamento e sua inserção social por influências sociais, políticas e econômicas do território brasileiro; entre estas mudanças, nota-se o surgimento de novos golpes da Capoeira Regional; a mudança dá significação dos toques, no caso do toque Cavalaria, que servia como um aviso da aproximação dos maus feitores, que nos dias atuais não são mais existentes, porém, o toque se mantém na cultura.

Entre as demais mudanças ocorridas na Capoeira algumas são criticadas pelos antigos mestres baianos, tal como a rápida graduação de certos grupos e a mudança da indumentária dos capoeiristas, ou seja, sua vestimenta, que no início da cultura, quando esta ainda era ilegal, os capoeiristas se trajavam com vestimentas comuns para não serem reconhecidos. Tempos depois, com a legalização, alguns passaram a se vestir de terno branco, cor esta preferida naqueles tempos pelos negros. Após anos, a Capoeira passa a se integrar a apresentações culturais e os grupos de capoeira passam a se uniformizarem e se identificarem pelo brasão de seu grupo ou academia, por influência dos aspectos turísticos nacionais.

Nos dias atuais a capoeira é uma das maiores expansoras da língua portuguesa mundo a fora, onde, com sua mundialização, os praticantes não brasileiros cantam em português, de maneira original, difundindo a música e cultura brasileira. Com seu legado cultural e resistência frente às políticas discriminatórias, a jornada dos mestres de capoeira se fez notável, dando continuidade à cultura da capoeira e formando outros inúmeros mestres de capoeira que se destacaram em território nacional e foram convidados a ensinar capoeira em outros países.

4.1. Os Principais Mestres e Figuras Representativas na Capoeira.

Como os mestres de capoeira são peças fundamentais para o surgimento e difusão da cultura, destaca-se sucintamente a seguir os principais mestres de capoeira e figuras lendárias responsáveis pela perpetuação cultural e lembrados até hoje na história da capoeira, tidos como *totens*. Entre eles Zumbi dos Palmares e Besouro de Mangangá, representantes da luta antiescravista; Mestre Pastinha

representante da Capoeira Angola; e Mestre Bimba criador e representante da Capoeira Regional.

4.1.1 Zumbi dos Palmares

Zumbi nasceu livre, em Palmares, no ano de 1655. Era descendente do povo imbamgala, de Angola. Quando tinha 7 anos, foi capturado por soldados portugueses e entregue ao padre Antonio Melo, que batizou o garoto, deu-lhe o nome de Francisco e cuidou de sua educação, ensinando português, latim e os preceitos católicos. Francisco teria inclusive ajudado o padre na celebração das missas, após os 10 anos de idade. Com 15 anos, Francisco fugiu das tentativas de *aculturação* e voltou para Palmares, adotando o nome de Zumbi. Com o tempo, aprimorou sua destreza na luta e surpreendia seus pares com suas estratégias na defesa do quilombo.

Em 1678, o governador da capitania de Pernambuco, Pedro de Almeida, propôs anistia e liberdade a todos os quilombolas, desde que eles jurassem fidelidade à Coroa portuguesa. O líder Ganga Zumba aceitou o acordo, mas tanto Zumbi quanto muitos outros quilombolas não aceitaram a liberdade enquanto outros negros continuavam escravos nas fazendas.

Zumbi, então, tomou a liderança de Palmares após o assassinato de Ganga Zumba e organizou ainda mais o quilombo. É durante sua liderança que Palmares chega ao seu apogeu, inclusive rechaçando com sucesso dezenas de tentativas de destruição por parte dos portugueses.

Em 1692, o bandeirante Domingos Jorge Velho organizou uma expedição com objetivo de destruir Palmares, contando com o apoio de 6 mil homens e artilharia pesada para a época. O quilombo foi sitiado, mas manteve dura resistência até 1694, quando o mocambo de Macaco foi invadido pelas tropas de Velho. Zumbi, ferido, e um grupo de aproximadamente 20 quilombolas que lutavam junto a ele, conseguiram fugir pela mata, resistindo por mais de um ano atacando vilas portuguesas.

Em 20 de novembro de 1695, Zumbi foi localizado e cercado pelas tropas portuguesas. Conta-se que foi traído por um antigo companheiro de quilombo, Antonio Soares, que contou para as tropas sua localização. Ele foi morto, esquartejado, sua cabeça foi salgada e mandada para Recife, onde foi exposta em

praça pública. A intenção era provar a todos que Zumbi não era imortal, ao contrário dos boatos que corriam na época.

Zumbi foi além dos problemas que existiam entre as tribos africanas e desejou a liberdade para todos que estavam na mesma situação, sofrendo do mesmo jeito o mesmo problema, sendo lembrado por todos quilombolas pela luta e resistência contra a escravidão.

(FONTE: Blog Historiazine – Zumbi e Palmares)

4.1.2 Besouro de Mangangá

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, o homem apelidado de Besouro Mangangá, realmente existiu. Infelizmente, muito pouco se sabe sobre essa figura envolta em lendas e mistérios, que permanecem desde seu nascimento até a sua morte e que os mais velhos ainda lembram em suas histórias.

Nascido em 1897 em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, filho dos ex-escravos João Grosso e Maria Aifa, Manuel Henrique Pereira (seu nome de batismo), teve toda sua vida permeada por muito misticismo. Não se sabe quando, mas iniciou seus primeiros passos na capoeira com Mestre Alípio, também ex-escravo, mais precisamente na Rua do Trapiche de Baixo. Diziam que Besouro era um negro alto, muito forte e na capoeira possuía uma agilidade sem igual. O que provavelmente fez com que recebesse o apelido de “Besouro”, ou “Besouro Mangangá” (gênero de besouro venenoso).

Outros dizem que seu apelido se deve ao fato de uma vez tendo armado uma confusão e vendo-se cercado de policiais, Besouro simplesmente “sumiu”. Um policial atordoado com a cena, disse para o parceiro: “Você viu pra onde foi aquele negro? E o outro respondeu: “Vi sim. Ele virou um besouro e saiu voando”. Era exímio jogador de capoeira, assim como no manejo do facão e da navalha, inclusive no jogo de “santa-maria”, jogo violento onde os capoeiristas jogavam com uma navalha presa aos pés.

Esses são somente alguns dos “causos” contados sobre a figura baiana. Muitas também são as histórias sobre a sua morte, mas uma delas é até hoje cantada em todas as rodas de capoeira.

Conta-se que Besouro havia conseguido trabalho como vaqueiro na fazenda do Dr. Zeca, fazendeiro da região. Dr. Zeca tinha um filho, cujo apelido era Memeu,

que tinha fama de valentão. Certa vez, Besouro teve uma discussão com o filho do fazendeiro e acabou batendo nele. Temendo pela vida do filho, Dr. Zeca procurou logo acabar com Besouro. Para isso, mandou que Besouro fosse trabalhar em outra de suas fazendas, mais precisamente na fazenda de Maracangalha. Mas, primeiro entregou uma carta a Besouro que deveria ser entregue por ele ao administrador da fazenda. Mal sabia ele que aquela carta era a sua sentença de morte. A carta mandava simplesmente que o portador fosse morto por ali mesmo. Besouro, que era analfabeto, nada sabia sobre o conteúdo da carta achando se tratar de uma simples recomendação. Quando o administrador recebeu a carta, mandou que Besouro esperasse até o dia seguinte para saber a resposta e que esperasse ali mesmo na fazenda. Assim no dia seguinte, Besouro, ao se apresentar, foi cercado por quarenta homens, que abriram fogo contra ele mas as balas nada fizeram. Então um homem conhecido como Eusébio da Quibaca, provavelmente conhecedor das “mandingas”, atacou Besouro pelas costas com uma faca de “tucum”, faca feita da madeira de uma árvore que dizem ter poderes mágicos e que era a única coisa capaz de ferir um homem de corpo fechado. Besouro morreu jovem aos 27 anos de idade, no dia 8 de julho de 1924, mas deixou um legado vivo até hoje.

Contam ainda que Besouro, mesmo ferido, conseguiu fugir de canoa e chegar até a Santa Casa de Misericórdia em Santo Amaro, mas devido ao ferimento não resistiu. E, o que é mais incrível, consta um documento nos autos do processo PEREIRA (1927) movido por Caetano José Diogo contra Manoel Henrique dizendo:

Besouro é Manoel Henrique Pereira - vaqueiro, mulato escuro, natural de Urupy, residente na usina de Maracangalha; dava entrada na Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro da Purificação – Bahia, com um ferimento perfuro-inciso do abdômen. Veio a falecer no dia 8 de julho de 1924 às 7 horas da noite, conforme registro na folha 42 v. do livro nº 3, linha 16, leito 418, de entrada e saída de doentes (PEREIRA, 1927, p.21).

As proezas de Besouro são lembradas em todas as rodas de capoeira em suas várias cantigas. Suas lendas são contadas e cantadas até os dias de hoje pelos mais antigos mestres da capoeira na Bahia.

(FONTE: Blog Capoeira Exports – Besouro Lenda da Capoeira).

4.1.3 Mestre Pastinha

Segundo a bibliografia redigida por Camille Adorno (1985), Vicente Ferreira Pastinha, nascido em 1889, dizia não ter aprendido a Capoeira em escola, mas “com a sorte”. Afinal, foi o destino o responsável pela iniciação do pequeno Pastinha no jogo, ainda garoto.

Em depoimento prestado no ano de 1967, no Museu da Imagem e do Som¹, mestre Pastinha relatou a história da sua vida: “Quando eu tinha uns dez anos - eu era franzininho - um outro menino mais taludo do que eu tornou-se meu rival. Era só eu sair para a rua - ir na venda fazer compra, por exemplo - e a gente se pegava em briga. Só sei que acabava apanhando dele, sempre. Então eu ia chorar escondido de vergonha e de tristeza (...)”

A vida iria dar ao moleque Pastinha a oportunidade de um aprendizado que marcaria todos os anos da sua longa existência.

“Um dia, da janela de sua casa, um velho africano assistiu a uma briga da gente. ‘Vem cá, meu filho’, ele me disse, vendo que eu chorava de raiva depois de apanhar. Você não pode com ele, sabe, porque ele é maior e tem mais idade. O tempo que você perde empinando raia vem aqui no meu cazuá que vou lhe ensinar coisa de muita valia. Foi isso que o velho me disse e eu fui (...)”

Começou dessa forma a formação do mestre que dedicaria sua vida à transferência do legado da cultura africana a muitas gerações. Segundo ele, a partir deste momento, o aprendizado se dava a cada dia, até que aprendeu tudo. Além das técnicas, muito mais lhe foi ensinado por Benedito, o africano seu professor.

“Ele costumava dizer: não provoque, menino, vai botando devagarzinho” ele sabedor do que você sabe (...). Na última vez que o menino me atacou fiz ele sabedor com um só golpe do que eu era capaz. E acabou-se meu rival, o menino ficou até meu amigo de admiração e respeito (...).

“Aos doze anos, em 1902, eu fui para a Escola de Aprendiz de Marinheiro. Lá ensinei Capoeira para os colegas. Todos me chamavam de 110. Saí da Marinha com 20 anos (...). Vida dura, difícil. Por causa de coisas de gente moça e pobre, tive algumas vezes a Polícia em cima de mim. Barulho de rua, presepada. Quando

¹ Todas as citações são referentes a entrevistas dos mestres publicadas no ano de 1967 e provenientes da bibliografia redigida por Camille Adorno (1985).

tentavam me pegar eu lembrava de mestre Benedito e me defendia. Eles sabiam que eu jogava capoeira, então queriam me desmoralizar na frente do povo. Por isso, bati alguma vez em polícia desabusado, mas por defesa de minha moral e de meu corpo(...). Naquele tempo, de 1910 a 1920, o jogo era livre.”

“Passei a tomar conta de uma casa de jogo. Para manter a ordem. Mas, mesmo sendo capoeirista, eu não me descuidava de um facãozinho de doze polegadas e de dois cortes que sempre trazia comigo. Jogador profissional daquele tempo andava sempre armado. Assim, quem estava no meio deles sem nenhuma arma bancava o besta. Vi muita arruaça, algum sangue, mas não gosto de contar casos de briga minha. Bem, mas só trabalhava quando minha arte negava sustento. Além do jogo trabalhei de engraxate, vendia gazeta, fiz garimpo, ajudei a construir o porto de Salvador. Tudo passageiro, sempre quis viver de minha arte. Minha arte é ser pintor, artista (...).”

O ritmo da vida de Pastinha foi alterado quando um ex-aluno o levou para apresentar aos mestres que faziam uma roda de Capoeira tradicional, na Ladeira da Pedra, no bairro da Gingibirra, em Salvador, no ano de 1941.

“Na roda só tinha mestre. O mais mestre dos mestres era Amorzinho, um guarda civil. No apertar da mão me ofereceu tomar conta de uma academia. Eu dei uma negativa, mas os mestres todos insistiram. Confirmavam que eu era o melhor para dirigir a Academia e conservar pelo tempo a Capoeira de Angola.”

Foi na atividade do ensino da Capoeira que Pastinha se distinguiu. Ao longo dos anos, a competência maior foi demonstrada no seu talento como pensador sobre o jogo da Capoeira e na capacidade de comunicar-se.

Pastinha ensinou a Capoeira Originaria por cerca de 78 anos em sua academia sem fazer nenhuma alteração no ensino que lhe foi passado pelo africano Benedito, mantendo esta cultura viva por mais de séculos no Brasil e atualmente no mundo por meio de seus alunos e graduados, seguidores que hoje também são mestres.

De acordo com os pensamentos e dizeres do mestre “Capoeira de Angola só pode ser ensinada sem forçar a naturalidade da pessoa, o negócio é aproveitar os gestos livres e próprios de cada qual. Ninguém luta do meu jeito, mas no jeito deles há toda a sabedoria que aprendi. Cada um é cada um (...). Não se pode esquecer do berimbau. Berimbau é o primitivo mestre. Ensina pelo som. Dá vibração e ginga ao corpo da gente. O conjunto da percussão com o berimbau não é arranjo moderno

não, é coisa dos princípios. Bom capoeirista, além de jogar, deve saber tocar berimbau e cantar. E jogar precisa ser jogado sem sujar a roupa, sem tocar no chão com o corpo. Quando eu jogo, até pensam que o velho está bêbado, porque fico todo mole e desengonçado, parecendo que vou cair. Mas ninguém ainda me botou no chão, nem vai botar (...)."

Vicente Ferreira Pastinha faleceu no ano de 1981. Durante décadas dedicou-se ao ensino da Capoeira. Mesmo completamente cego, não deixava seus discípulos. E continua vivo nos capoeiras, nas rodas, nas cantigas, no jogo.

"Tudo o que eu penso da Capoeira, um dia escrevi naquele quadro que está na porta da Academia. Em cima, só estas três palavras: Angola, capoeira, mãe. E embaixo, o pensamento: 'Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista'".

4.1.4 Mestre Bimba

No dia 23 de novembro de 1899 nasceu no bairro de Engenho Velho, freguesia de Brotas, cidade de Salvador, Bahia, Manoel dos Reis Machado. Teve como pai Luís Cândido Machado, caboclo de Feira de Santana. Sua mãe, Maria Martinha do Bonfim, era uma crioula de Cachoeira.²

Logo ao nascer o garoto ganhou um nome que se tornaria símbolo e sinônimo da Capoeira. Isso graças a uma frase dita à hora do parto: "olha a bimbinha dele!" Esta exclamação definiu o resultado de uma aposta entre a mãe da criança - que imaginava uma menina - e a parteira, que previra um menino. Ninguém seria capaz de pensar, naquele momento, que Bimba passaria a ser um nome destinado a acompanhar o futuro capoeira em sua entrada na história do jogo (ADORNO, 1985).

O aprendizado de lutas se iniciou com o pai, à época famoso lutador de batuque - uma antiga forma de luta negra. Aos 12 anos começou a aprender Capoeira com o africano Bentinho, capitão da Cia. de Navegação Bahiana.

Segundo suas palavras, o sistema de aulas à época era bastante violento. As rodas eram formadas na Estrada das Boiadas (atual bairro da Liberdade), em Salvador, num ritmo bravio ao som do berimbau. Mestre Bimba costumava recordar

² Informações recolhidas de bibliografia redigida por Camille Adorno (1985).

um golpe formidável aplicado por Bentinho, que o acertara na cabeça, provocando um desmaio até o dia seguinte.

Seu trabalho como mestre-capoeira iria distinguir-se pela divulgação do jogo em todos os recantos do país e a elaboração de um sistema próprio de treinamento e transmissão dos conhecimentos e técnicas do jogo: a Capoeira Regional Bahiana.

Graças aos seus esforços, foi aberta a primeira Academia de Capoeira com autorização oficial. Esta seria a forma adotada por inúmeros mestres para obter e legalizar um espaço, onde a prática do jogo não sofreria o perigo de perseguições. Afinal, era o ano de 1937 e o país vivia sob uma ditadura - período que sempre se destaca pela generalização das arbitrariedades e cometimento de toda sorte de violências pelos detentores do poder. E o que era tolerado em um dia poderia ser reprimido no outro.

Em sua vida Bimba foi trapicheiro, doqueiro, carroceiro, carpinteiro. Mas, acima de qualquer coisa e por todo o tempo, mestre-capoeira. Um dos maiores nomes deste ofício e vivo na cultura das rodas de capoeira até hoje, Bimba foi responsável pelo surgimento da Luta Regional Baiana, a então Capoeira Regional, tornando-se importante personagem que possibilitou a legalidade da Capoeira e sua continuidade cultural.

Mestre Bimba dedicou-se ao jogo até o final dos seus dias. Em seus últimos anos de vida, deixou a Bahia e partiu para Goiás, atraído pela possibilidade de encontrar o reconhecimento a que fazia jus. No ano de 1974 mestre Bimba falece e deixa definitivamente o convívio da família, amigos e discípulos, passando a ocupar lugar de destaque na memória da Capoeira(ADORNO,1985).

4.2. A Mulher na Capoeira.

A mulher tem presença na história da capoeira e se mantém participante da cultura até hoje, lutando para conquistar cada vez mais espaço na cultura, impondo-se nas rodas de capoeira e trazendo uma nova visão, feminina, para esta cultura que em seu passado teve sua prática totalmente masculinizada.

A mulher sempre foi retratada nas rodas de capoeira por meio de pinturas, obras de artes famosas e lembrada por meio de músicas, tendo seu papel destacado e representado por uma capoeirista conhecida como 'Maria 12 homens', a qual foi esposa de Besouro Mangangá e esteve presente nos tempos ilegais da

capoeira. Ficou conhecida assim por derrubar 12 homens na ladeira, acontecimento este lembrado e ainda cantado nas cantigas de capoeira nas rodas atuais.

Outra mulher que ficou famosa nas rodas da capoeira foi “Maria do Camboatá”. Inclusive existe uma cantiga da capoeira que faz homenagem a ela... “Dona Maria do Camboatá, ela entra na roda querendo jogar... Dona Maria do Camboatá, ela disse que deu ela disse que dá... Dona Maria do Camboatá, ela dá rabo de arraia com as pernas para o ar... Ela chega na venda ela manda botar”. Com certeza era uma mulher que enfrentou a moral social de sua época e esteve presente na prática cultural da capoeira, tornando-se lendária e imortalizada pela tradição (PIRES, 2018).

Conforme teorizado pelo mesmo autor, Pires (2018), a prática da capoeira no passado era totalmente masculinizada e somente a partir de 1950 a mulher passa a participar ativamente das rodas de capoeira. Foi após uma transformação nos aspectos culturais e artísticos que a mulher passa a se incluir no campo das artes, dos esportes, da educação física e etc.

Segundo relatos de Natalia, uma capoeirista paulista praticante há 20 anos, a mulher nunca teve liderança na capoeira, mas com o tempo vem ganhando espaço e se impondo nas rodas. O desejo dela e de outras capoeiristas é ver cada vez mais mulheres se formando em mestras de capoeira, estando presentes na frente das rodas tocando o ‘gunga’, principal berimbau da roda o qual cadencia o ritmo do jogo. Relato este presente no documentário “A Cultura da Ginga” (CAPOEIRA: A cultura da Ginga. Direção de Heitor Werneck. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa, 2016. 23min).

Nos dias atuais, é possível encontrar mulheres mestras de capoeira ministrando aulas, rodas de capoeira, dando palestras, participando de competições, etc, tanto no Brasil quanto no exterior. Há, também, encontros de mulheres praticantes de capoeira e rodas femininas, em eventos ministrados por mulheres e com treinamentos dirigidos. São mulheres organizadas e empoderadas, as quais deram uma nova conotação social à prática da Capoeira, ajudando no processo de combate à discriminação dessa prática cultural no Brasil.

4.3. A Cadência do Jogo.

O jogo de capoeira acontece em rodas organizadas por capoeiristas e cadenciadas geralmente por três berimbaus e dois pandeiros, onde dois capoeiristas

se saldam em frente aos instrumentos, na entrada da roda e iniciam o jogo. A roda, portanto, é formada por uma linha de frente onde se localizam os instrumentos musicais. A continuação da roda é formada pelos demais capoeiristas e público geral, que acompanham o ritmo das músicas batendo palmas e respondendo as ladainhas cantadas, como uma espécie de refrão, onde o cantador canta e os demais respondem ou o repetem. Abaixo dos instrumentos musicais posicionam-se dois jogadores que irão entrar na roda para jogar após o refrão ser cantado; o jogo somente se inicia após o refrão da música e a “autorização” vinda do berimbau e do cantador.

Imagem 5: Instrumentos musicais da capoeira



Fonte: Pinterest (disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/225883737541329454/?nic=1a>). Acesso em agosto de 2019.

O berimbau é o principal instrumento utilizado desde o início da capoeira, sendo constituído de uma vara de madeira, um arame e uma cabaça e tocado por uma vareta de bambu e uma pequena rocha para pressionar o arame e alterar o som emitido. É apontado em estudos de Waldeloir Rego a presença do berimbau em Cuba, além do berimbau de boca constantemente encontrado na África, mas também na Europa, essa ocorrência em diversos pontos do mundo de acordo com o autor colabora para a indefinição de seu local de origem, possivelmente africana.

Já os demais instrumentos de percussão foram adicionados às rodas de capoeira somente depois, para incrementarem os toques e cantigas, como é o caso do atabaque e do pandeiro, trazidos da cultura do candomblé e do samba.

O berimbau é constituído por uma cabaça, um arame e uma madeira preferencialmente de biriba, árvore endêmica da mata atlântica. O mesmo é tocado por uma vareta, uma rocha ou dobrão para pressionar o arame e alterar o som e um caxixí segurado a mão.

O caxixi é um instrumento também artesanal, feito de fibra de palmeira e casca de coco em sua base. No seu interior colocam-se sementes e grãos secos para se obter o som de um chacoalho.

O pandeiro foi um importante instrumento utilizado pelos capoeiristas em seus tempos ilegais, pois o instrumento era de origem europeia e, portanto, liberado pelos escravistas. Quando os malfeitores se aproximavam das rodas de capoeira, os capoeiristas tocavam pandeiro e celebravam apenas a música e a dança.

Como em quase toda cultura africana, a capoeira é cadenciada e ritmada pela música, onde existem diferentes toques de berimbau e cada um se remete a um tipo de jogo, havendo desde toques lentos que remetem também a um jogo lento, quanto a toques rápidos que remetem a um jogo ágil.

As ladainhas, assim chamados os cânticos na capoeira, falam do negro na senzala, do negro livre, da religião, da comunidade, dos hábitos, seus feitos, cantos de louvor, de tristeza, de revolta, de desafio, etc. Estas letras retratam e descrevem a capoeira, a vida dos capoeiristas e demais rituais da cultura, servindo como fonte de aprendizagem. Será utilizada a referência de uma estrofe de uma famosa música de capoeira para prosseguir com a análise da cadência do jogo de capoeira e suas variações:

Que som
Oi que arte é essa
que luta brincadeira
Que roda
Maravilhosa é essa
É Axé capoeira
Em cada som, em cada toque, em cada ginga, tem um estilo de jogo
Em cada som, em cada toque, em cada ginga, tem um estilo de jogo
(La Lauê – Capoeira Brasil)

Conforme diz a letra da música, ou ladainha, a cada tipo de toque se exige um tipo de jogo, variando de toques lentos para jogos lentos e toques rápidos para

jogos mais acelerados. Sendo assim, serão listados os principais toques de berimbau presentes nas rodas e academias de capoeira antigas e contemporâneas, os quais muitos ainda se mantêm eternizados na cultura da capoeira.

Entre os toques mais encontrados nos grupos de capoeira e desenvolvidos nas aulas de mestre Bimba são: São Bento Grande, Benguela, Cavalaria, Santa Maria, Luna e Idalina.

A denominação de alguns toques da capoeira está ligada a determinados povos ou regiões africanas pura e simplesmente pelo nome, ou são toques litúrgicos ou profanos de que a capoeira se valeu, como Benguela, Angola, Ijexá e Gêge, isso sem se falar nas combinações Angola em Gêge e Gêge-Ketu. Antigamente, segundo capoeiristas idosos, o toque chamado na capoeira de Gêge era o toque dos povos gêges (Dahomey) chamado bravun, toque litúrgico, específico do deus Oxumarê, o Arco íris e que na capoeira era tocado em atabaque. (REGO, 1968 p.62)

O toque da cavalaria, por exemplo, era um toque de aviso, onde um capoeirista ficava afastado da roda em um ponto estratégico e, quando avistava os senhores de engenho com a cavalaria, executava este toque para alertar os demais capoeiristas e dispersarem a roda de Capoeira.

As músicas ou ladainhas, assim chamadas pelos capoeiristas, são em grande partes músicas antigas que se consagraram na capoeira, além de músicas recentes desenvolvidas por mestres e grupos atuais, as quais falam do negro na senzala, do negro livre, da religião, da comunidade, dos hábitos, seus feitos, cantos de louvor, de tristeza, de revolta, de desafio, etc. Estas músicas representam um importante aspecto da cultura, o qual exerce a manutenção da originalidade, lembrando fatos, histórias de importantes personagens e demais aspectos culturais.

5. TERRITORIALIDADES DA CAPOEIRA – DAS CAPOEIRAS ÀS ACADEMIAS E PRAÇAS.

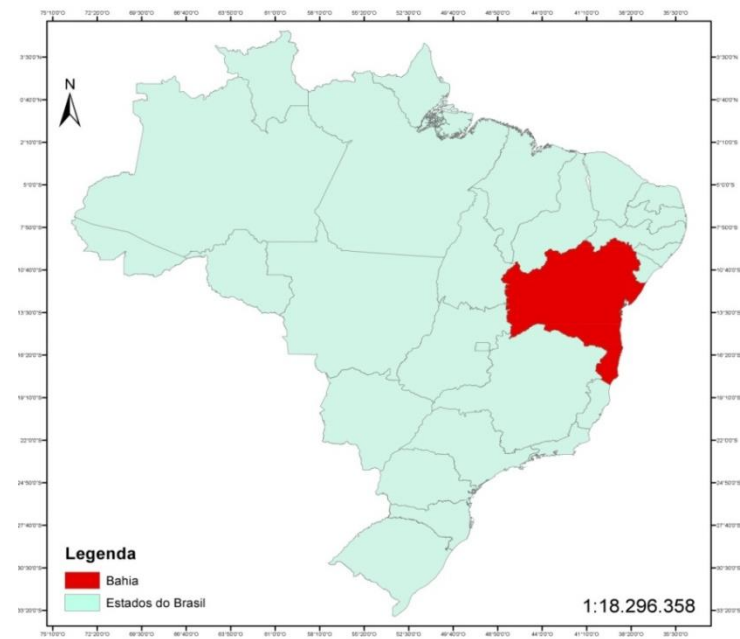
Em sua origem, no Brasil colonial, a cultura da capoeira surgiu das matas de capoeiras, vegetação de matas baixas, onde os escravizados se refugiavam para treinar golpes. Muitas vezes, essas matas eram rotas de fuga dos engenhos. De acordo com relatos, a capoeira também era praticada sob sigilo, no fundo das senzalas, surgindo como manifestação e celebração cultural e, quando necessário, era utilizada como luta de defesa pessoal.

Apresentando uma gênese rural, com o passar do tempo e acompanhando as mudanças políticas e sociais da época republicana e consequentes, a capoeira evoluiu e ampliou seus territórios sendo praticada posteriormente em praças públicas, portos, escolas, academias, etc. Este capítulo da pesquisa tem o intuito de apresentar os territórios em que a capoeira se difundiu e sua ampliação de acordo com os períodos da história brasileira, no que diz respeito a sua urbanização, mudanças nas políticas sociais e mundialização cultural, temas estes relevantes para a Geografia.

A cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos. Daí o papel central dos processos de transmissão, de ensino, de aprendizagem, de comunicação na geografia cultural: a natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais eles adquirem suas práticas e os seus conhecimentos: transmissão direta pela palavra e pelo gesto; utilização das mídias modernas. Os lugares onde a transmissão cultural ocorre têm também um papel estratégico na gênese dos indivíduos e na construção da cultura. Os lugares e as suas paisagens servem de suporte a uma parte das mensagens transmitidas (CLAVAL, 2011).

De acordo com pesquisadores, o Recôncavo Baiano é uma fonte matricial não só da cultura baiana, mas também da cultura brasileira como um todo, envolvendo não só a capoeira, mas também o samba e demais culturas afro-brasileiras que influenciaram a música popular brasileira naquele período. A cultura negra no recôncavo é predominante devido ao período da escravidão e a intensa ocupação histórica de negros nesta região.

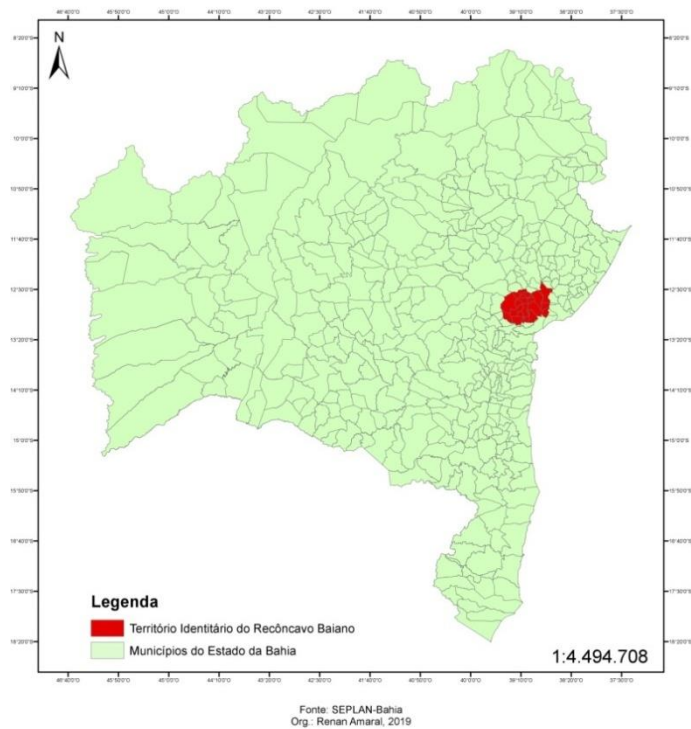
Mapa 2: O Estado da Bahia



Fonte: SEPLAN-Bahia
Org. Renan Amaral, 2019
DATUM: South America 1969

Fonte: IBGE. Org. Renan Amaral, 2019.

Mapa 3: Recôncavo Baiano

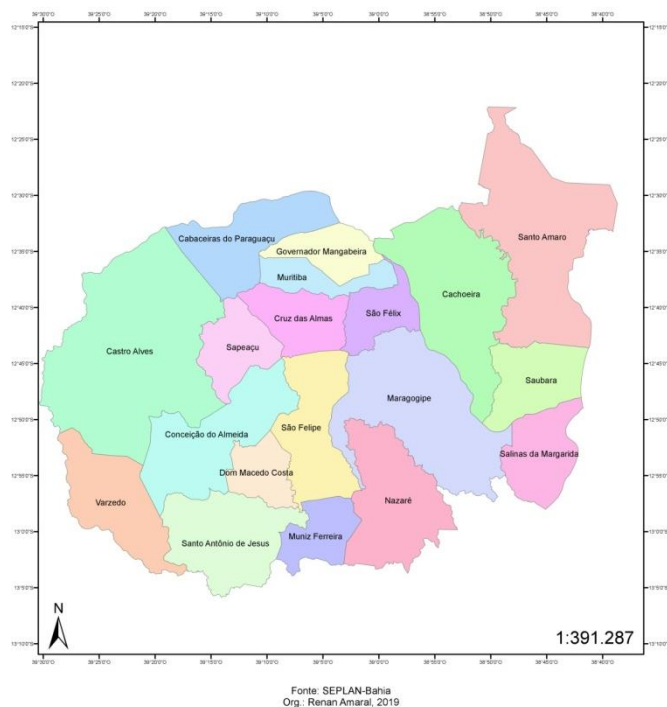


Fonte: SEPLAN-Bahia
Org. Renan Amaral, 2019

Fonte: SEPLAN-Bahia. Org. Renan Amaral, 2019.

O recôncavo baiano sempre esteve interligado com a capital Salvador, para onde serviam, não só mão de obra e alimentos, mas também elementos culturais que alegravam as festas da capital. Inclusive, era do recôncavo baiano de onde vinham reforços de contingente negro para as rebeliões escravas que aconteciam na capital; nesta forte ocupação de afro-brasileiros e conflitos sociais da época é que surgem os primeiros relatos de que a capoeira surgiu em Santo Amaro, sendo de lá as primeiras levadas de negros, onde os primeiros cultivos aconteceram nesta região onde a entrada é Santo Amaro.

Mapa 4: Municípios do Recôncavo Baiano



Fonte: SEPLAN-Bahia
Org.: Renan Amaral, 2019

Fonte: SEPLAN – Bahia. Org. Renan Amaral, 2019.

Os mestres mais antigos do recôncavo dizem que, desde o início, já era constante a presença de rodas de capoeira na praça, em frente ao mercado, na igreja e demais lugares públicos, o que tornava forte a capoeira na região. Além dos capoeiristas se divertirem, recebiam moedas dos populares que passavam e interagiam com as rodas, num tempo onde ainda não existiam as academias. Foram desta região que surgiram os maiores e mais antigos mestres de capoeira do Brasil, como Mestre Cobrinha Verde, um grande capoeirista descendente da família de

Besouro de Mangangá, capoeirista lendário na história da capoeira e um dos responsáveis por este legado da capoeira no recôncavo.

Foram do recôncavo, mais especificamente de Santo Amaro, que surgiram os primeiros capoeiristas e mestres que consecutivamente difundiram a capoeira na capital Salvador. Como contam relatos, a primeira escola de capoeira de Santo Amaro foi a do Mestre Amaral, no final da década de 50.

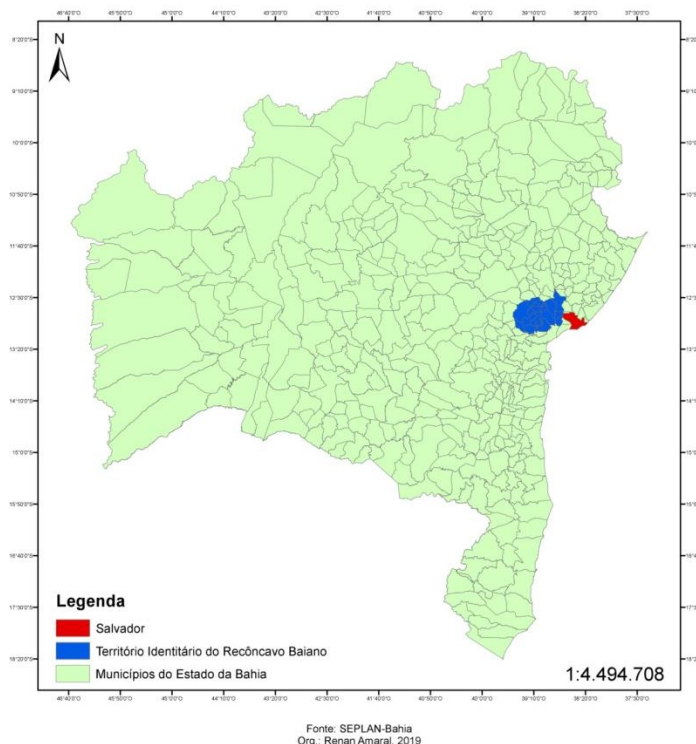
Antigamente, o jogo da capoeira se fazia nos engenhos, nos locais de trabalho, nas horas vagas e nas ruas e praças públicas, nos dias de festa, sempre em recinto aberto. Em nossos dias, não há mais engenho; no local de trabalho, como os Cais do Porto, não se joga mais e nas ruas e praças públicas do centro só em dias de festa. Joga-se capoeira em recinto fechado em Palácio do Governo, nas academias, nos salões oficiais, nos clubes particulares e nas ruas e praças públicas, onde se realizam festas populares. Espontaneamente, independente de qualquer circunstância, joga-se capoeira em ambiente aberto, na Estrada da Liberdade, Pernambués, Cosme de Farias, Itapuã e outros bairros bem afastados do centro da cidade (REGO, 1968, p. 47)

Ao chegar em Salvador a capoeira foi difundida pelos capoeiristas nos portos da cidade, onde esta era uma área que se concentravam capoeiristas, marinheiros e policiais que também se envolviam nos perigosos jogos de faca e navalha, envolvendo vida ou morte nas rodas de capoeira. Além de se encontrar relatos da roda de capoeira também nos portos de Recife e Rio de Janeiro.

Não havia Academias de Capoeira, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. Antigamente havia capoeira, onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça, com um largo bem em frente, propício ao jogo. Aí, aos domingos, feriados e dias santos, ou após o trabalho se reuniam os capoeiras mais famosos, a tagarelarem, beberem e jogarem capoeira. Contou-me Mestre Bimba, que a cachaça era a animação e os capoeiras, em pleno jogo, pediam-na aos donos das vendas, através de toque especial de berimbau, que eles já conheciam. Afora isso, as maiores concentrações eram na Estrada da Liberdade, Pau Miúdo, Cidade de Palha, rua dos Capitães, rua do Passo Taboão, Cais Dourado e no Cais do Porto. O Cais Dourado, no fim do século passado, se tornou famosíssimo pelo excesso de desordens e crimes, que ali se praticavam, sobretudo por ser zona de meretrício e para lá convergirem, além dos capoeiras, marinheiros, soldados de polícia e delinquentes (REGO, 1968, p. 36).

Em 1932 mestre Bimba abre a primeira academia de capoeira em Salvador-BA, a terceira academia de lutas do Brasil, com a definição de Luta Regional Baiana para uma melhor aceitação. Neste período, a capoeira ainda era marginalizada, passando a ser aceita somente em 1939 no governo de Getúlio Vargas, quando a cultura ganhou ainda mais visibilidade e se destacou culturalmente a nível nacional.

Mapa 5: Localização de Salvador no Recôncavo Baiano no Estado da Bahia



Fonte: SEPLAN – Bahia. Org. Renan Amaral, 2019.

Ao ganhar mais adeptos e aumentarem os números de mestres a capoeira, esta passa a se difundir para o restante do Brasil. Com sua matriz na Bahia e demais cidades do norte e nordeste, a capoeira ganhou grande força no Rio de Janeiro. Com esta difusão pelo país, a capoeira passa a ganhar novas regionalizações, ou seja, novos costumes e diferentes aspectos de acordo com a região do Brasil em que a mesma está inserida, apresentando diferença, por exemplo, entre a capoeira da Bahia e capoeira do Rio de Janeiro, como cita Waldeloir do Rego (1968).

O texto descritivo de capoeira mais antigo que se tem notícia é o que está nas Festas e Tradições Populares do Brasil de Melo Moraes Filho. Pois bem, os golpes aí referidos são, na sua quase totalidade, desconhecidos dos capoeiras da Bahia, como é o caso do tronco, raiz, fedegoso, pé de panzina, caçador, passo a dois e outros, golpes esses e muitos que Melo Moraes Filho não teve conhecimento, ou simplesmente não mencionou, mas que foram criações de capoeiras ou maltas de capoeiras do Rio de Janeiro de seu tempo, extraídos da imaginação e de elementos que lhes vinham à frente. Segundo fui informado, existiu no Rio de Janeiro um velho mestre de capoeira baiano, conhecido por Sinhozinho (Agenor Sampaio), do qual ainda existem alunos, com academia de capoeira, utilizando-se de alguns dos golpes referidos por Melo Moraes Filho (REGO, 1968, p.34).

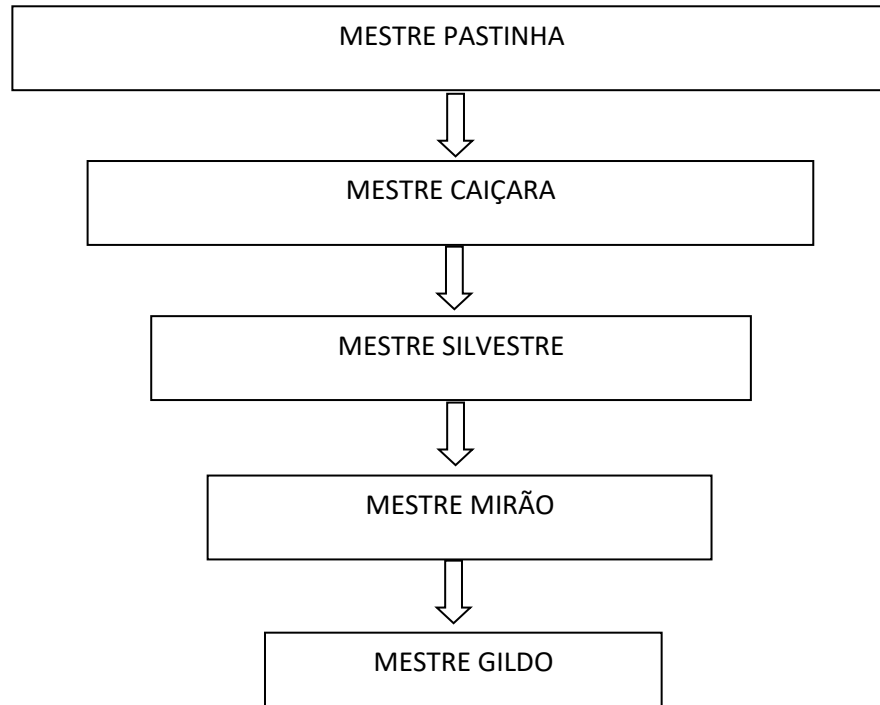
A presença de mestres antigos nas demais capitais do Brasil foi de extrema importância para a divulgação e ampliação cultural da capoeira no país, como exemplo podemos destacar na região sudeste a presença do Mestre Ananias em São Paulo, capoeirista ligado as primeiras linhas de mestres da Bahia, o qual desenvolve seu trabalho e roda de capoeira na região central de São Paulo desde 1950 e foi responsável pela formação de diversos outros mestres de capoeira que se espalharam pelo estado e demais regiões (CAPOEIRA: A cultura da Ginga. Direção de Heitor Werneck. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa, 2016. 23min.)

Em São Paulo, a capoeira de rua tem sua origem na Praça da República, com a roda formada pelo Mestre Ananias desde a década de 1950, a qual se mantém até hoje sendo realizada todos os domingos na região central da capital paulista. A roda de capoeira na Praça da República iniciou-se com o formato de protesto dos negros residentes desta área que não tinham dinheiro para abrir uma academia, portanto, reunindo-se na praça pública para celebrar a cultura.

Esta manifestação era embasada na luta de negros e nordestinos contra o preconceito, sendo um ato de extrema importância para estes até os dias atuais, quando se reúnem na região central para formarem a roda de capoeira, significando assim um momento e forma de libertação e celebração cultural. As rodas em praça pública, até os dias atuais, têm a função de demonstração cultural, onde pessoas passam pela praça e se interessam pela cultura, tendo a possibilidade de observar, conhecer e compreender esta arte afro-brasileira; quesito este de grande relevância para a perpetuação cultural.

Mestre Gildo pratica capoeira a cerca de trinta anos, fazendo parte da linhagem de capoeira de Mestre Pastinha. Teve seu primeiro contato com a capoeira quando ainda criança na Bahia, vindo a treinar e participar de grupo de capoeira somente quando migrou com sua família para Guarulhos – SP onde participou da academia de Mestre Mirão e se formou como mestre pelo grupo Rosa Baiana. Mestre Gildo, então, migrou novamente para Ourinhos-SP, onde fundou e é responsável pelo grupo de Capoeira Ritmo Baiano. Ele descende, portanto, de uma linha de Capoeira Angola que, ao passar do tempo, adaptou-se aos novos movimentos da Capoeira Regional e hoje desenvolve uma linha de treinamento a qual denomina de Capoeira Espontânea, que seria a junção das duas linhas de Capoeira, Angola e Regional.

Esquema 1: Linhagem de Capoeira - Mestre Gildo.



Fonte: PEREIRA, GILDO NUNES, 2019. ORG. RENAN AMARAL, 2019.

Mestre Gildo se formou na terceira turma de capoeira de Mestre Pastinha, como já destacado anteriormente, e advém de uma linha de Capoeira Angola. Porém, desenvolve seus treinos baseados na linha de Capoeira Espontânea pelo grupo Ritmo Baiano em Ourinhos – SP, onde já formou mestres de outras cidades da região e desenvolve seu trabalho juntamente com a Prefeitura Municipal e Associação Esportiva da cidade.

Nos dias atuais, com a propagação cultural e a formação de inúmeros mestres de capoeira, a cultura ganhou destaque internacionalmente, quando mestres brasileiros se destacaram em torneios e apresentações e receberam propostas para dar aulas de capoeira em outros países e continentes. Infelizmente, este serviço tem sido mais valorizado fora do Brasil. Um dos exemplos a ser citado é do mestre ‘Cabeça de Peixe’, um mestre de capoeira brasileiro que ministra aulas e rodas de capoeira na França, um país com altos índices de imigrantes e uma ampla diversidade étnica e cultural.

Outro exemplo foi observado no documentário Mandinga em Manhattan (2004), o qual retrata a academia de capoeira do Mestre João Grande, descendente de Mestre Pastinha, em Manhattan, onde alcança com as aulas de capoeira mais de 200 alunos matriculados. Esse foi um grande feito do capoeirista baiano que ao migrar com sua cultura para o Estados Unidos não se tornou um norte americano, mas sim, tornou aqueles alunos mais brasileiros.

Hoje com a mundialização cultural, a Capoeira já atinge diversos países onde mestres brasileiros se instalaram em academias para difundir a cultura brasileira. Na tabela abaixo listo o nome dos 72 países, mencionados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, os quais apresentam Associações de Capoeira no mundo.

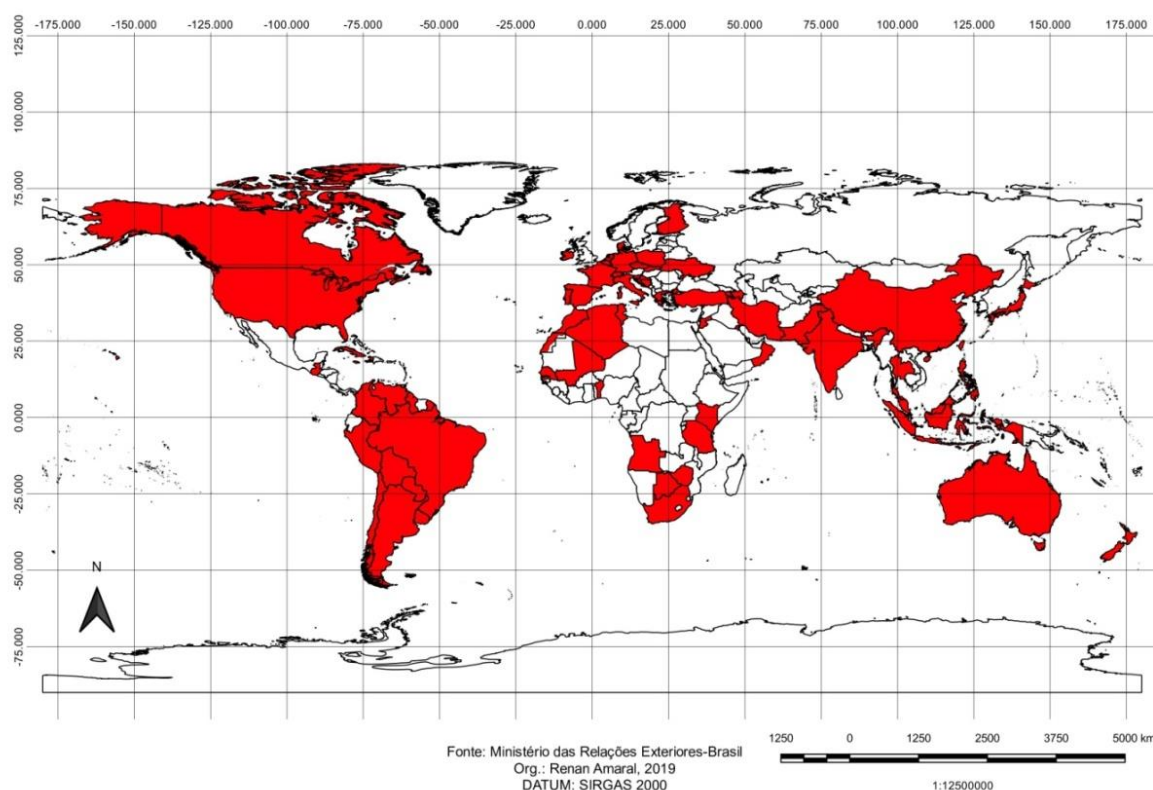
Tabela 1: Países que apresentam Associações de Capoeira no mundo.

AFRICA DO SUL	GUIANA	TANZÂNIA
ALEMANHA	GUIANA FRANCESA	TIMOR LESTE
ANGOLA	HAITI	TRINIDAD E TOBAGO
ARGELIA	HONG KONG	TUNÍSIA
ARGENTINA	ÍNDIA	TURQUIA
AARMÊNIA	INDONÉSIA	UCRÂNIA
AUSTRÁLIA	IRÃ	URUGUAI
AZERBAIJÃO	IRLANDA	VENEZUELA
BÉLGICA	ITÁLIA	ZIMBABUE
BENIN	JAMAICA	
BOLÍVIA	JAPÃO	
BÓSNIA HERZEGOVINA	JORDÂNIA	
BOTSUANA	KUAITE	
CANADA	LIECHTENSTEIN	
CABO VERDE	MALÁSIA	
CHINA	MALI	
CHILE	MARROCOS	
CINGAPURA	NOVA ZELÂNDIA	
COLOMBIA	OMÃ	
CROÁCIA	PAISES BAIXOS	
CUBA	PAQUISTÃO	
DINAMARCA	PARAGUAI	
ESLOVÁQUIA	PERU	
ESLOVÊNIA	PORTUGAL	
ESPANHA	POLÔNIA	
ESTADOS UNIDOS	QUÊNIA	
ALASCA	REPUBLICA TCHECA	
FILIPINAS	SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	
FINLÂNDIA	SENEGAL	
FRANÇA	SUIÇA	
GRÉCIA	TAILÂNDIA	
GUATEMALA	TAIPÉ	

FONTE: Associações de Capoeira no Mundo. Site: Ministério das Relações Exteriores – Brasileiros no Mundo. Disponível em <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-de-capoeira-no-mundo>. Acesso em Outubro de 2019.

Através deste levantamento de dados, foi desenvolvido um mapa destacando todos os países citados no documento, representando assim a difusão cultural da Capoeira após sua legalização, a qual parte de uma gênese cultural envolvendo Angola e Brasil que, com sua evolução, alcançou diversos outros países e continentes mundo a fora.

Mapa 6: Difusão Cultural. Países que contêm Associações de Capoeira no mundo.



Fonte: Ministério das Relações Exteriores – BRASIL. Org. Renan Amaral, 2019.

Atualmente, alunos de outros países se interessam e se aprofundam na cultura da capoeira, cantando as músicas e demais nomenclaturas em português, criando o desejo de conhecer o Brasil e suas raízes culturais, aonde muitos capoeiristas vêm visitar a Bahia e se apaixonam ainda mais pela cultura. Tudo isso impulsiona o turismo da região e, algumas vezes, transforma estes turistas em futuros imigrantes.

Em uma análise geográfica, este feito do Mestre João Grande retrata uma reterritorialização, um conceito geográfico empregado por Rogério Haesbert, o qual

uma cultura brasileira baiana se expande para outros países e se reterritorializa com os mesmos costumes e práticas de seu território de origem.

6. O ENSINO DE GEOGRAFIA

Este capítulo visa uma breve abordagem histórica acerca do ensino de Geografia e sua evolução juntamente à Ciência Geográfica, sua forma de leitura de mundo e seus propósitos a respeito da implementação de saberes que visam a representação de uma identidade territorial. Com base em artigos e livros de pesquisadores e educadores geógrafos, será apresentado um breve histórico da Ciência Geográfica e da Geografia escolar, a qual parte de uma análise descritiva física em seus primórdios e avança em direção a uma abordagem cultural que considere o social e a paisagem física, sua história e relação. Será apresentada uma análise das propostas curriculares para o ensino de Geografia e se estas abrem espaço para a abordagem cultural da capoeira e demais culturas afro-brasileiras.

Segundo a pesquisadora Cristina Maria Costa Leite (2013), nos primórdios da Educação Brasileira não existia uma Ciência Geográfica, nem tampouco uma Geografia Escolar, mas existiam saberes considerados geográficos, que permeavam alguns conteúdos e atividades que se desenvolviam cotidianamente ligadas ao processo de ocupação física do território, como por exemplo, aprendizagens de ofícios relacionados ao conhecimento do mundo natural, conhecimento estes ainda não formais. Porém, estes conhecimentos consistiam em saberes organizados formalmente, no que se refere às descrições sobre os aspectos físicos da paisagem em um território e a necessidade de identificar e localizar recursos naturais para sua utilização e exploração econômica.

O ensino de Geografia parte de uma ideia de mundo e assim, como as ideias, modificou-se e evoluiu com as novas descobertas e maneiras de se interpretar a realidade, mesmo quando esta interpretação parte de uma análise de escala local, ligada a uma ideia maior, de escala mundial.

Antes mesmo da Geografia se constituir como ciência, ela já era uma temática relevante para se compreender e criar estratégias territoriais, contribuindo para a estruturação territorial e para o estabelecimento de um padrão identitário. Em consequência, estes fatores determinaram o modo pelo qual a Geografia Escolar viria a se constituir no futuro.

A relação entre a produção científica na Geografia e a Geografia Escolar é antiga e está inserida num contexto amplo que diz respeito ao modo pelo qual a Educação e a Geografia se incorporaram ao processo de estruturação do Estado

Brasileiro, e também ao modo pelo qual foram construídas as referências de identidade a partir dos conhecimentos geográficos.

A Educação brasileira nasce filiada aos ideais cristãos advindos dos colonizadores portugueses, de perspectiva eurocêntrica e num momento marcado pelo mercantilismo. Sua atuação, nesse contexto, produziu informações do que viria a ser considerado Geografia, anos mais tarde: representações cartográficas, por ocasião de suas incursões em um território desconhecido e inventários zoo-botânicos com especificação de possíveis usos. Os mapas, porém, tinham fins estratégicos e não eram utilizados na prática educacional (LEITE, 2013).

Este saber descritivo relacionado ao mundo natural é originário da Grécia antiga e representou o discurso geográfico durante um grande período, sendo sujeito aos pressupostos positivistas para se legitimar como ciência, em 1870, até o momento em que essa fundamentação filosófica deixa de ser o único referencial de orientação à produção científica da área, em 1970.

A primeira referência sobre o território brasileiro em uma perspectiva geográfica parte de Pero Vaz de Caminha que, numa longa carta dirigida ao rei de Portugal, descreve as características gerais do meio físico, das populações e das condições de sobrevivência dessas. Assim, no Brasil dos 1500, são encontradas evidências do que se pode denominar conhecimento geográfico, as quais apresentam um caráter eminentemente funcional, na medida em que descrevem e localizam o universo físico do novo mundo: um território diferente, com características naturais diversificadas e desconhecidas, cuja apropriação se condicionava à sua identificação, localização e especificação quanto à utilidade (RIBEIRO, 1967apud LEITE, 2013).

Esta funcionalidade geográfica foi presente desde o saber até o surgimento da Ciência Geográfica, se intensificou e ganhou novas formas concomitantemente ao desenvolvimento territorial. Nessa perspectiva, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na cidade do Rio de Janeiro, em 1838, consolidou a trajetória de produção de informações geográficas sobre o país, valorizando-as, e contribuiu para que os conhecimentos geográficos aparecessem, pela primeira vez, como Geografia Escolar, antes mesmo desta área do conhecimento ser sistematizada como ciência. Assim, em 1832, a Geografia passou a compor o currículo do sistema escolar brasileiro, como disciplina secundária, vinculada aos ginásios. Passou a ser autônoma apenas em 1837, com a criação do Imperial Colégio Pedro II, como uma

disciplina pautada pela orientação clássica: descritiva, enciclopédica, mnemônica (ROCHA, 1996; LEITE, 2002; MELO, 2006; SOUSA;PEZZATO, 2010, apud LEITE, 2013).

Antes mesmo de a Geografia se estruturar como ciência os saberes geográficos já apresentavam extrema importância para a leitura do espaço e do território nacional, estando presente no saberes escolares e planejamentos territoriais.

Ao final do século XIX a Geografia assume o status de conhecimento científico, por meio de seu enquadramento em pressupostos filosóficos positivistas. Posterior a isso, segundo Ribeiro (1967), de meramente descritiva e cartográfica, a Geografia passou a ser interpretativa de fenômenos, juntando à base astronômica e matemática a base geológica, que dá a razão profunda das paisagens e à história, que explica como o meio influi nas condensações humanas.

No período de transição da monarquia para a República, surge a questão de identidade nacional após os processos de independência; nesse contexto, a visão da identidade pelo espaço adquire significado na representação simbólica do Brasil. Portanto, a construção da identidade nacional se dá por meio de bases geográficas, sendo que as referências identitárias nacionais se estabelecem com base no território e não na sociedade que o habita (MORAES, 1991).

Nesta perspectiva, uniram-se conhecimentos geográficos referentes ao meio físico, sua importância estratégica em relação aos processos de uso e ocupação do território e a instituição da noção de pátria. Essa união gerou uma identidade múltipla, pois esta foi resultante do espaço, do território e do Estado ao mesmo tempo.

Segundo Ribeiro (1967) foram estruturadas, no início do século XX, diversas instituições de Estado as quais consolidaram emblemáticos exemplos da relação entre o conhecimento geográfico e a gestão do território. A produção de informações geográficas por instituições do Estado brasileiro, não somente valorizaram essa área do conhecimento, como também estabeleceram uma nova funcionalidade de caráter estratégico para estas informações. Este aparato favoreceu a formulação de políticas territoriais explícitas, que resultaram na construção de uma nova Geografia material do país, acompanhada de uma nova construção simbólica da identidade nacional, onde o nacional configurava-se como estatal e oficial. Como resultado, surgiu a necessidade de formação superior específica na área de Geografia,

inclusive para atendimento de formação de profissionais para atuarem naquelas instituições estatais.

Entre o século XVIII e o século XX os principais pensadores e constituidores da Geografia científica foram Alexander Von Humboldt, Karl Ritter, Karl Marx e Friedrich Ratzel.

É importante ressaltar que durante o século XIX, o centro da discussão da Geografia na Europa, concentrou-se na Alemanha e, somente no fim deste século, o pensamento geográfico francês ganhou espaço, num momento em que a França foi derrotada na guerra Franco-Prussiana e sua burguesia notou a necessidade de pensar o espaço geográfico, deslegitimar a reflexão geográfica alemã e fundamentar o expansionismo francês. As ideias dos mestres alemães chegaram ao Brasil trazidas por geógrafos franceses, porém acrescidas de críticas embasadas na escola de Vidal de La Blache e seus discípulos.

As atuais abordagens do conhecimento geográfico, no Brasil, resultam de diversas correntes de pensamento, influenciadas pela escola de Vidal de La Blache até as escolas contemporâneas; onde pesquisadores orientam-se teórica e metodologicamente por meio de correntes do neopositivismo, correntes humanísticas e psicológicas da geografia da percepção, pela fenomenologia ou então pelo materialismo histórico e dialético. A compreensão dos pressupostos destas correntes nos auxilia o entendimento da atuação das correspondentes ações educativas no desenvolvimento da espacialidade no ensino de Geografia, considerando sua multiplicidade de concepções.

O processo de conformação identitária se manteve ao longo do período de vigência da Geografia tradicional e foi alterado, paulatina e progressivamente, em consonância com o próprio processo de evolução da Ciência Geográfica. Nesse sentido, a partir da superação dos dogmas positivistas, novas possibilidades de análise surgiram, resultando em perspectivas diferenciadas de consideração do espaço geográfico. Assim, as análises pautadas em distintas fundamentações filosóficas possibilitaram, não somente, a ampliação do campo de investigação dessa área do conhecimento, como também o surgimento de opções metodológicas compatíveis às várias facetas da realidade. Nesse contexto, o movimento de reestruturação da fundamentação filosófica na Geografia desencadeou uma série de estudos sobre o homem em sociedade, os quais foram caracterizados pela presença de uma pluralidade de referências filosóficas, onde se destacam a fenomenologia husserliana e a filosofia da práxis marxista (LEITE, 2012 apud LEITE, 2013,p.9).

As alterações estruturais da Geografia, estabelecidas no contexto de transição do século XX para o XXI, resultaram na reconfiguração dos processos de

formação de identidades, inclusive numa perspectiva escolar. Neste sentido a contemporaneidade ressignificou os conteúdos de geografia, principalmente a Geografia Escolar, cumprindo assim um papel específico à formação da identidade e da cidadania, pela possibilidade de reconhecimento e revalorização da dimensão cultural, que se constitui em importante elemento para compreensão do lugar/espço/mundo onde o indivíduo se insere.

A formação da identidade estabelecida pelos aspectos físicos da paisagem se desloca para a consideração dos aspectos culturais que estruturaram a própria formação da sociedade. Não se desconsidera, aqui, a importância da dinâmica social, política e econômica. Porém, em virtude dos processos decorrentes da globalização da economia, a dimensão cultural também apresenta sua importância ressignificada. Tal ressignificação respalda-se na perspectiva do desenvolvimento sociocultural, que considera o indivíduo em suas relações com as condições sócio-históricas, seus processos de socialização, num contexto de permanente interação com os membros da comunidade e do grupo cultural onde está inserido. Desse modo, a construção de significados se estabelece com a mediação dos sistemas simbólicos que são concretizados no lugar, por meio da cultura. Por conseguinte, o lugar ao expressar a cultura, assume a condição de mediador do processo de desenvolvimento do indivíduo e importante fator no contexto da construção do conhecimento. Assim, história, lugar e cultura desempenham papel relevante no processo de desenvolvimento humano (LEITE, 2012 apud LEITE, 2013, p.10).

Por volta da década de 50, as tendências tradicionais da Geografia que buscavam compreender o espaço geográfico por meio da relação homem – natureza passaram a ser questionadas em várias partes do mundo, despertando nos geógrafos a busca por novas teorizações e novos paradigmas.

A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1934, e do Departamento de Geografia, em 1946, tiveram papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no país e na formação de licenciados para o ensino da disciplina. Do ponto de vista teórico, é importante registrar a profunda influência europeia sobre o desenvolvimento dessa ciência no Brasil, com destaque para a presença francesa, justificada pela nacionalidade dos primeiros mestres, entre os quais Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, na FFCL-USP, e François Ruellan, na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro (PONTUSCHKA, 2007, p.45).

Com o avanço destes órgãos ligados à Geografia, aumentaram-se os estudos e publicações de artigos e livros didáticos, com debates na tentativa de encontrar meios para reduzir a compartimentalização dos conteúdos escolares e a distância entre o ensino da Geografia e a realidade social, política e econômica do País.

Até os anos 80 os conteúdos escolares de Geografia ainda eram baseados em nomenclaturas e descrições para se decorar, estes advindos da escola clássica. Até que, então, surge um movimento de renovação curricular, cujos esforços estavam centrados na melhoria da qualidade de ensino. Com o surgimento de planos para a formação de bases curriculares como os PCNs, foram implementados temas transversais que favorecem o estudo sociocultural trazendo novas abordagens regionais e territoriais que serão exemplificadas ao longo do trabalho.

No que diz respeito à abordagem da cultura afro-brasileira no ensino de Geografia, esta apresenta muitas defasagens segundo o estudo da pedagoga Helena do Socorro Campos da Rocha (2011), a qual parte da hipótese que o conteúdo de África foi invisibilizado na formação dos atuais professores de Geografia, por não ser um assunto relevante para o momento político da Geografia tradicional, portanto os mesmos precisam ter uma formação continuada para obter êxito nos ensinamentos do continente e concretizar a implementação dos pressupostos legais da Lei 10.639/2003.

Segundo a pesquisadora, os livros de Geografia apresentam muita defasagem no que diz respeito às paisagens africanas, as quais são representadas por pobreza, miséria, fome e descasos sociais, como o exemplo das guerras e conflitos étnicos. Portanto, cabe ao professor ter uma bagagem de conhecimentos em torno do continente para desmistificar estas paisagens e desconstruir estereótipos negativados ao longo de séculos pela História que, se mal contada, cabe à escola recontar.

Os estudos sobre o continente africano foram desenvolvidos de acordo com três linhas de pensamentos, as quais são retratadas nos livros didáticos. A primeira remete-se a uma “África inferior”, às quais as características negativas foram citadas anteriormente. A segunda retrata uma “África superior” revalorizando sua história e populações e a terceira se remete aos novos estudos africanos e africanistas.

As linhas de estudos que condizem com a superioridade africana começam a ser difundidas somente a partir da segunda metade do século XX, através de pesquisadores africanos e africanistas que desenvolveram seus estudos com uma visão distinta da eurocêntrica atuante até o momento. Esta linha de estudo eurocêntrica sobre uma “África inferior” impactou a produção de conhecimentos acerca do continente e tem como consequência materiais didáticos que apresentam um desconhecimento sobre sua história e suas populações, marcado na história

pelo racismo científico o qual considera a África como um continente a-histórico antes de sua colonização.

Retrabalhar a África passa a ser, após a legalização da Lei nº 10.639/2003, o elemento mais poderoso e subversivo da política cultural no século XXI. Isso não se deve ao fato de os sujeitos estarem ligados ao passado e herança africanos por uma cadeia inquebrantável, ao longo da qual a cultura africana fluiu imutável por gerações, mas à forma como os docentes se propuseram a produzir de novo a “África”, releitura da “África” e do que essa “África” poderia significar para a cultura, hoje. (ROCHA, 2011, p. 13).

Portanto é necessário que os professores de Geografia, incentivados por sua instituição de ensino, aprimorem seus conhecimentos acerca do continente africano e as demais culturas afro-brasileiras para saber usufruir dos conhecimentos abordados nos bons livros didáticos de geografia ou então reinterpretar os maus livros carregados de estereótipos e preconceitos acerca do continente, rompendo elos com a Geografia tradicional.

O currículo de Geografia com seus avanços e modificações juntamente com os avanços dos estudos da África possibilitam uma abordagem cultural na Geografia que explore as características socioculturais do país e sua história, além de suas outras riquezas naturais e paisagens; abordando também as contribuições culturais que estas trouxeram para a formação do território brasileiro.

6.1. Propostas Curriculares para o ensino de Geografia.

Até a década de 80, as propostas curriculares eram elaboradas pelos próprios Estados da Federação e pelos municípios, que ditavam os conteúdos que deveriam estar presentes nas aulas e nos planos de aula dos professores, entre eles os de geografia. Os autores de livros didáticos da época se orientavam por meio da organização de conteúdos apresentados pelas Secretaria de Educação dos Estados e dos municípios para elaborar seus textos.

Na década de 80, em São Paulo, a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) constituiu uma equipe de autores, liderada por pesquisadores de universidades públicas, para a realização de propostas curriculares para o Estado. No caso da Geografia, foram convidados professores do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, os quais se propunham não apenas elaborar um rol de conteúdos, mas sobretudo efetuar uma revisão

metodológica com amadurecimento dos princípios fundadores da disciplina, iniciativa conhecida, na época, como Geografia crítica (PONTUSCHKA, 2007, p. 69).

A partir de reuniões, os professores de Geografia da rede estadual demonstraram diversas insatisfações em relação ao ensino, entre elas: a ineficácia do ensino da disciplina na formação do estudante; o livro didático como única fonte de estudo; orientações didático-pedagógicas vulgarizadas de acordo com os interesses das editoras; conceitos incompatíveis com o momento vivido pela ciência geográfica e a desvinculação da Geografia ensinada nas universidades daquela ensinada nas escolas. Houve a necessidade de se discutir conceitos, métodos e novas abordagens teóricas para temas inseridos na programação de Geografia, porém, muitas vezes, não dominados no ponto de vista teórico; dentre estes destacavam-se os conceitos de trabalho e modo de produção e demais questões relacionadas à abordagem da natureza e o processo de industrialização.

A discussão da proposta da Cenp, mesmo não atingindo a todos, promoveu uma ruptura no ensino tradicional da disciplina, apontando novos caminhos de um ensino que aproximasse o professor e o aluno a movimentos sociais e a realidade social do país. Foi construído um documento de referência de discussão e avaliação em cursos de licenciatura e disciplinas pedagógicas, influenciando a construção de novas propostas curriculares de outros Estados da Federação.

Mudanças significativas ocorreram no universo da educação brasileira como fruto das discussões para a promulgação da LDBBN/96 quando, na década de 90, as propostas curriculares dos Estados foram debatidas com a finalidade de gerar nova proposta, desta vez com o nome de Parâmetros Curriculares Nacionais. A situação foi bastante alterada conseguinte as decisões tomadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e por via da Secretaria do Ensino Fundamental, a respeito do currículo escolar.

Após os currículos receberem críticas, houve a constituição de uma equipe de professores para a elaboração de uma proposta única para as escolas públicas de todos os Estados, eliminando assim a participação destes na criação de propostas específicas. O governo federal viu a necessidade de criar um novo currículo para o ensino de primeiro e segundo graus e os renomeou como ensino fundamental e médio.

O MEC adotou uma política centralizadora. Os Estados da Federação já não poderiam estabelecer os respectivos currículos, como o tinham feito até então. Com essa política, a Secretaria do Ensino Fundamental do MEC elaborou um documento curricular de referência para todo o Brasil, visando, de acordo com esse órgão, a uma educação de qualidade que assegurasse às crianças e aos jovens brasileiros, mesmo nos locais de infraestrutura restrita e condições socioeconômicas desfavoráveis, o acesso aos conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Desse modo, garantiria o respeito à diversidade cultural do país mediante a possibilidade de adaptações que integrassem as diferentes dimensões da prática educacional (PONTUSCHKA, 2007, p. 74).

O MEC propôs inovações estruturais com a introdução de temas transversais nos currículos escolares, contendo os seguintes critérios: urgência social abrangência nacional, possibilidade de inclusão no currículo do ensino fundamental e favorecimento a compreensão da realidade e à participação social. De acordo com estes critérios, os temas selecionados foram Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo, e Orientação Sexual; estes temas devem ser trabalhados em todas as disciplinas escolares convencionais, incluindo a Geografia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o ensino fundamental visam a ampliação de capacidades dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes espaços e paisagens geográficas. E além de apresentar os objetivos, eixos temáticos, conteúdos e critérios de avaliação, indica procedimentos metodológicos.

Para todo tipo de planejamento e proposta sugerida por órgãos oficiais deve-se ter a precaução para não realizar um trabalho homogeneizado para ser aplicado a realidades diversificadas.

Até então, não existia uma proposta que oferecesse um elenco de conteúdos de Geografia, mas alguns pressupostos e exemplos que auxiliariam as escolas na construção de seu próprio currículo, almejando que a escola tivesse um projeto pedagógico próprio, que servisse de base e avaliação da prática pedagógica, e tendo como suporte um educador-pesquisador.

Diversas propostas geraram críticas, porém é preciso lembrar a época em que cada uma delas foi gestada. A Proposta Curricular do Estado de São Paulo, conhecida como Proposta da Cenp surgiu no início dos anos 80, no fim do governo militar. Em 1990, as Secretarias Municipais de Educação (SMEs) também

produziram seus currículos no município de São Paulo, na gestão de Paulo Freire como Secretário de Educação, que coordenou um projeto denominado Reorientação Curricular, na perspectiva da interdisciplinaridade. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais foram propostos na segunda metade dos anos 90, no âmbito de uma política educacional neoliberal que atinge todo o território nacional.

Os professores sentiram-se excluídos, pois não participaram da gestão das propostas do PCN, tendo acesso a estas somente depois de sua publicação. Diferentemente dos anteriores, o PCN surgiu assim de forma impositiva. Este documento oficial do MEC adotou, na formulação dos objetivos e da avaliação para o ensino fundamental, a divisão de conteúdos em conceituais, procedimentais e atitudinais; e para o ensino médio, uma abordagem por competências e habilidades. Elaborados em diferentes momentos e equipes, o PCN muitas vezes limita o trabalho do professor com relação a abordagem dos conteúdos.

Ao longo desse período, a formulação dos objetivos e conteúdos nos currículos e programas das disciplinas escolares mudou seu foco central: do processo de ensino e da atuação do professor para os processos de aprendizagem do aluno, tomado em sua dimensão individual e coletiva, assim como cognitiva, social e cultural (PONTUSCHKA, 2007, p. 86).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 é um documento que estabelece referenciais de aprendizagens essenciais a partir do qual o trabalho nas escolas será desenvolvido, levando-se sempre em conta as especificidades de cada local. A BNCC para o ensino fundamental organizou os componentes curriculares História e Geografia em uma área denominada Área de Ciências Humanas, sendo necessária a interdisciplinaridade também para compreender e analisar processos socioculturais, como é o caso da capoeira.

Porém os planejamentos que surgiram como propostas por meio dos PCNs a partir deste momento passam a ser regra através da Base Nacional Comum Curricular; anulando parte da autonomia dos professores e das escolas.

É certo que a BNCC estabelece mudanças bastante significativas na área de Ciências da Natureza. Porém, vale lembrar que outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1996 e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2013 já traziam muitas das propostas que estão na BNCC, como a concepção do conhecimento curricular contextualizado na realidade local, social e individual da escola e do seu alunado, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural.

No documento apresentado pela BNCC, em específico na área de Geografia, os conteúdos relacionados à diversidade cultural e a ética já são citados em suas primeiras linhas, onde diz que:

[...] a área de Ciências Humanas deve propiciar aos alunos a capacidade de interpretar o mundo, de compreender processos e fenômenos sociais, políticos e culturais e de atuar de forma ética, responsável e autônoma diante de fenômenos sociais e naturais. (BRASIL, 2017, p. 308)

Neste contexto uma importante habilidade é citada no quadro do 9º ano, sendo ela: identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças. Porém, nas competências específicas de Geografia para o ensino fundamental, este contexto cultural não é tão abordado, apresentando-se mais nos conteúdos do 7º, 8º e 9º anos.

Em sua unidade temática denominada de “o sujeito e seu lugar no mundo” e seus objetos de conhecimento, tais como: idéias e concepções sobre a formação territorial do Brasil, diversidade e dinâmica da população mundial e local, e as manifestações culturais na formação populacional. (BNCC, 2017).

Os conteúdos étnicos tornam-se presentes e com mais efetividade nas competências específicas da disciplina de história, onde o contexto cultural aparece com mais frequência e mais aprofundamento em suas competências específicas, caracterizando suas fundamentações e modificações no tempo e espaço. Como se pode notar em sua documentação:

Competências Específicas de História

1. Reconhecer que diferentes sujeitos possuem percepções diferenciadas da realidade, estejam eles inseridos no mesmo tempo e espaço ou em tempos e espaços diferentes.
2. Selecionar e descrever registros de memória produzidos em diferentes tempos e espaços, bem como diferentes linguagens, reconhecendo e valorizando seus significados em suas culturas de origem.
3. Estabelecer relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, e seus significados em diferentes contextos, sociedades e épocas.
4. Colocar em sequência, no tempo e no espaço, acontecimentos históricos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como criticar os significados das lógicas de organização cronológica.
5. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos,

recorrendo a diferentes linguagens, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

6. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

7. Descrever, comparar e analisar processos históricos e mecanismos de ruptura e transformação social, política, econômica e cultural. (BNCC, 2017, p. 352).

De acordo com a BNCC, os conhecimentos específicos na área de Ciências Humanas exigem clareza na definição de um conjunto de objetos de conhecimento que favoreçam o desenvolvimento de habilidades e que aprimorem a capacidade de os alunos pensarem diferentes culturas e sociedades, em seus tempos históricos, territórios e paisagens (compreendendo melhor o Brasil, sua diversidade regional e territorial). E também que os levem a refletir sobre sua inserção singular e responsável na história da sua família, comunidade, nação e mundo.

Os temas ligados à pluralidade e à diversidade cultural estão presentes nos documentos citados acima, porém nem sempre são abordados nas aulas do ensino fundamental, ou quando abordados são estudados de maneira superficial. Percebe-se tanto nesta pesquisa quanto nos apontamentos de outros pesquisadores que isto ocorre por conta do mau planejamento escolar dos projetos políticos pedagógicos, da defasagem do assunto quando abordados nos livros didáticos e da falta de capacitação dos professores para se aprofundarem nos determinados assuntos.

De acordo com o estudo do pedagogo galego Jurjo Torres Santomé (2013), a cultura escolar apresenta vozes e culturas mais fortes do que outras. As vozes mais fortes presentes são advindas da visão eurocêntrica impregnada no ensino brasileiro, aquelas do mundo masculino, adulto, sãs, heterossexuais, com profissões de prestígio, urbanas, de estados e nações poderosas ocidentais, brancas e católicas; já as vozes de categorias antônimas a estas representam as vozes ausentes da cultura escolar.

Essas vozes ausentes do ensino, por meio das lutas dos movimentos sociais, cansadas de injustiças e silenciamento conquistaram a implementação da Lei 10.639/2003, a qual busca reposicionar o negro e as relações raciais no universo da educação; entretanto, ainda é preciso levar em consideração os atores envolvidos, os quais seriam a estrutura curricular, o livro didático e a estrutura escolar como um todo. Cabe então à Geografia e às demais disciplinas escolares elencarem temas

socioculturais os quais favoreçam e agreguem as culturas menos favorecidas e destacadas, aproximando estas aos conhecimentos do sistema escolar.

6.2 A abordagem cultural da capoeira no ensino de Geografia

A partir da evolução da Ciência Geográfica e do ensino de Geografia podemos notar a importância deste saber para a organização e planejamento do território, além de auxiliar na construção identitária do país, as quais se iniciaram por meio de simples descrições físicas naturais do território e evoluíram para análises da relação sociedade e natureza, abrindo espaço para abordagens humanas e culturais que caracterizam os territórios.

Neste âmbito, a Capoeira pode ser utilizada como tema didático para se apresentar um estudo regional e territorial do nordeste brasileiro, como aspectos identitários, através do processo de formação desta cultura, abordando seu território de origem e fundação, e adiante os demais territórios por onde esta cultura se difundiu, além de poder ser trabalhada com outros temas e conceitos geográficos.

A Capoeira passa a ser um ponto representativo da identidade cultural nordestina e brasileira, a qual com raízes africanas originou-se na Bahia, se difundiu pelo Brasil e se espalhou pelo mundo; difundindo a língua portuguesa por meio de suas músicas e nomenclaturas em diversos países.

O sentido de identidades depende da experiência direta de cada um na escala da família ou da vizinhança. Ele resulta de uma construção intelectual e de um ensino sistemático no caso dos sentidos de identidade à escala de uma nação, ou de uma confissão religiosa: trata-se de identidades imaginadas, no sentido de Benedict Anderson (CLAVAL, 2011, p. 17)

De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga e demais pensadores africanos e africanistas, a educação brasileira, assim como a construção política e civilizatória do país, sempre tiveram suas raízes na filosofia ocidental, onde outros valores como os africanos são negligenciados. Portanto, mostra-se notável a necessidade de se tratar temas que destacam a visão de mundo africana e afro-brasileira; revalorizando estes estudos e abordagens que ressaltam a identidade negra e seu papel fundamental na construção do território nacional.

A busca da identidade, no nosso caso no Brasil, apesar da importância, não é uma coisa fácil; é problemática. Essa identidade passa pela cor da pele, pela cultura, ou pela produção cultural do negro, passa pela

contribuição histórica do negro na sociedade brasileira, na construção da economia do país com seu sangue; passa pela recuperação de sua história africana, de sua visão do mundo, de sua religião. Mas isso não quer dizer que para eu me sentir negro assumido eu precise necessariamente frequentar o candomblé; não quer dizer que eu precise escutar o samba ou outro tipo de música dita negra. (...) A questão fundamental é simplesmente esse processo de tomada de consciência da nossa contribuição, do valor dessa cultura, da nossa visão do mundo, do nosso “ser” como seres humanos; e valorizar isso, utilizar isso como arma de luta para uma mobilização; isso é que é importante (MUNANGA, 1996, p. 225 apud OLIVEIRA, J.M. de. 2009 p.2).

O sentido de identidade é importante para formação social do indivíduo. A identidade tem origem na família ou então no grupo próximo em que vive o mesmo cotidiano, sendo parte, portanto do mesmo território. Como consequência do desenvolvimento das mídias modernas e fluxos migratórios, uma parte das identidades cessa de ter uma ligação estreita com um território específico: daí os sentidos de Multiterritorialidades analisados por Rogerio Haesbert em seus estudos.

(...) a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios [e/ou territorialidades] ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade” (Haesbaert, 2004 apud Haesbaert, 2014 p.76).

Mesmo que o aluno de Geografia não faça parte de uma vivência cultural que envolva a capoeira, é importante que ele conheça a cultura, sua história e representatividade identitária brasileira para reconhecer o papel do povo negro na construção do território brasileiro e respeitar a ampla diversidade cultural presente neste território.

O aspecto cultural é parte fundamental para a formação identitária de um povo. Os lugares onde ocorre a transmissão cultural têm também um papel estratégico na gênese dos indivíduos e na construção da cultura. Os lugares e as suas paisagens servem de suporte a uma parte das mensagens transmitidas, como é o caso da capoeira, que retrata toda uma geo-história dos povos afro-brasileiros.

O processo de construção da cultura é também um processo social, o qual se modifica a partir das organizações e definições dos padrões sociais, como aconteceu

com a cultura da capoeira que, em determinado período social, foi marginalizada pois ameaçava as ordens escravistas da antiga sociedade e com o tempo e os avanços sociais passou a ser aceita e difundida em todo território.

A Capoeira é portanto um conjunto de praticas, conhecimentos, atitudes e crenças não inatas, adquiridos de forma cultural. Destacando assim o importante papel do mestre de capoeira neste processo de transmissão.

Esta abertura para um estudo sociocultural na Geografia possibilita o estudo da Capoeira como fonte formadora da identidade cultural nordestina, atrelada com suas características sociais, políticas e econômicas e, por fim, uma releitura de paisagens brasileiras que envolvam o povo afro-brasileiro e paisagens do continente africano.

A abordagem da capoeira e demais culturas afro-brasileiras é pouco difundida nos currículos de formação de professores de Geografia, portanto parte da própria vontade do professor em se aprofundar nestes determinados conteúdos, cabendo a escola propiciar a estes profissionais uma formação continuada para suprir estes déficits da sua formação. É necessário que o professor tenha domínio dos conteúdos selecionados para se obter um bom êxito no ensino, evitando se basear em improvisos para não gerar ainda mais preconceitos advindos de visões estereotipadas de culturas alheias a sua.

7. DESENVOLVIMENTO NA ESCOLA

Por meio da pesquisa acerca da cultura afro-brasileira no ensino de Geografia, foi desenvolvida uma sequência didática para ser apresentada ao sétimo ano do ensino fundamental, relacionando a geo-história da cultura da Capoeira e conceitos geográficos envolvidos nesta arte, como seu território de origem, mudanças socioetnográficas e sua reterritorialização cultural após estes avanços sociais.

Imagem 6: Aula - Capoeira e Geografia, sétimo ano. Prof.º Renan Amaral.



Foto: FARDILONE, 2019.

A aula foi ministrada para o sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor José Augusto de Oliveira no município de Ourinhos – SP, escola esta em que participo do programa Residência Pedagógica, orientado pela docente Carla Senna e coorientado pela professora de Geografia da escola Fátima Fardilone, as quais possibilitaram o desenvolvimento e apresentação da pesquisa.

A escola mencionada conta como uma das suas principais características o funcionamento no período integral, apresentando boa estrutura e quadro de profissionais que possibilitam o bom funcionamento da escola e boas oportunidades de se desenvolver novas propostas e projetos de ensino. Abaixo, apresento um recorte da sua Proposta Pedagógica a qual evidencia a oportunidade de se trabalhar

aspectos da cultura afro-brasileira e demais culturas em sentido de uma educação democrática e que busque o respeito às diversidades.

A concepção de Educação Integral evidencia a exigência, a pressão e a luta constante pela democratização da educação, para uma escola universal de qualidade, que considere o acesso a todos os recursos culturais, às mais diversificadas metodologias dos processos de ensino e de aprendizagem e, também, à utilização das novas tecnologias como respeito à condição humana e sua respectiva dignidade. A escola de Ensino Integral propõe, além de conteúdos acadêmicos, conteúdos socioculturais e a possibilidade de vivências direcionadas à qualidade de vida, ao exercício da convivência solidária, à leitura e interpretação do mundo em sua constante transformação (E.E. PROFº JOSÉ AUGUSTO DE OLIVEIRA, 2018).

A aula foi apresentada de maneira oral e dialogada com os alunos, por meio de texto, mapas e imagens que os auxiliaram na compreensão desta formação cultural, sua origem, território, mudanças socioetnográficas e importância para a representatividade identitária brasileira.

Segue abaixo o plano de aula desenvolvido e aplicado:

PLANO DE AULA SIMPLIFICADO (Adaptado de LIBÂNEO, 1994)

Escola: E.E. Prof. José Augusto de Oliveira.

Disciplina: Geografia.

Data: 09/10/2019.

Série: 7º ano A (6º série)

Professor: Renan Vitor do Amaral Pinto.

Participação: Mestre de Capoeira Gildo, grupo Ritmo Baiano.

Unidade Didática: Geografia Cultural.

Tema: Capoeira e Geografia. Uma abordagem da cultura afro-brasileira no ensino de Geografia.

Conteúdos:

- Geo-história da Capoeira,
- Nomenclatura,
- Mudanças socioetnográficas,
- Identidade cultural brasileira,
- Caracterização cultural,

- História dos mestres de capoeira,
- Reterritorialização da capoeira.

Objetivos Específicos:

- Compreender o tempo e o espaço em que a Capoeira se desenvolveu no Brasil.
- Conhecer a origem da palavra Capoeira e seu significado.
- Analisar as mudanças políticas e sociais ocorridas no Brasil e suas influências para a descriminalização da cultura da Capoeira.
- Identificar a importância da Capoeira para a formação identitária brasileira.
- Conhecer os aspectos culturais da Capoeira, como instrumentos, músicas, cadência do jogo, entre outros.
- Reconhecer a importância dos Mestres de Capoeira para a continuidade da cultura.
- Compreender os novos territórios que a capoeira pode alcançar após sua legalidade.

Duração: Duas aulas de 50min.

Desenvolvimento metodológico: Primeira parte - Aula expositiva e dialogada sobre a geo-história da Capoeira e sua caracterização cultural por meio de imagens e mapas; segunda parte – aula prática e dialogada com a participação do Mestre Gildo falando sobre sua jornada na capoeira, a importância dos mestres e professores de Capoeira, apresentando o instrumento musical berimbau e a musicalidade na Capoeira.

Avaliação: Argumentações e apontamentos dos alunos durante e após a aula, retirada de dúvidas. Envolvimento geral dos mesmos durante a atividade.

Referências:

CLAVAL, PAUL. A Geografia Cultural; tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

WALDELOIR REGO. CAPOEIRA ANGOLA: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Editora Itapoan, 1968. Edição original.

Imagem 7: Desenvolvimento de aula. Origem da Capoeira.

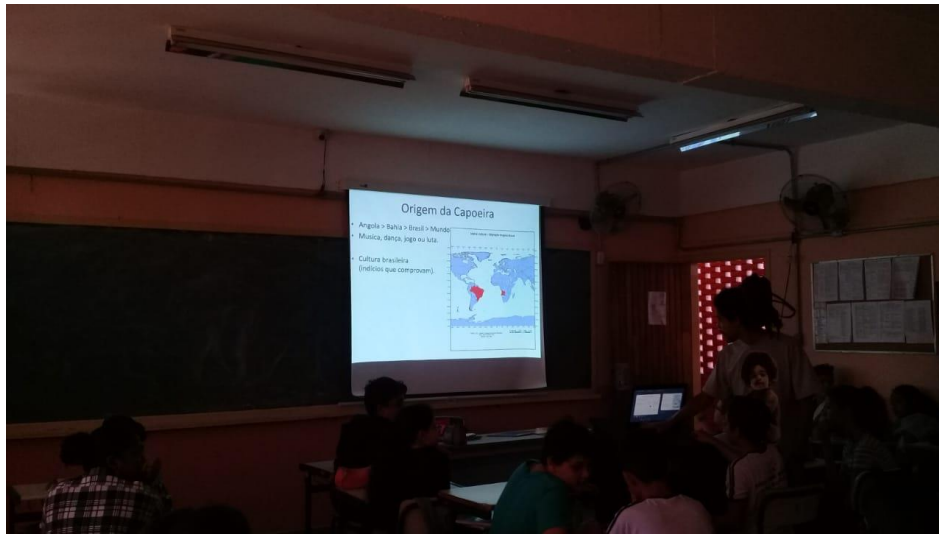


Foto: FARDILONE, 2019

Imagem 8: Desenvolvimento de aula. Instrumentos musicais da Capoeira

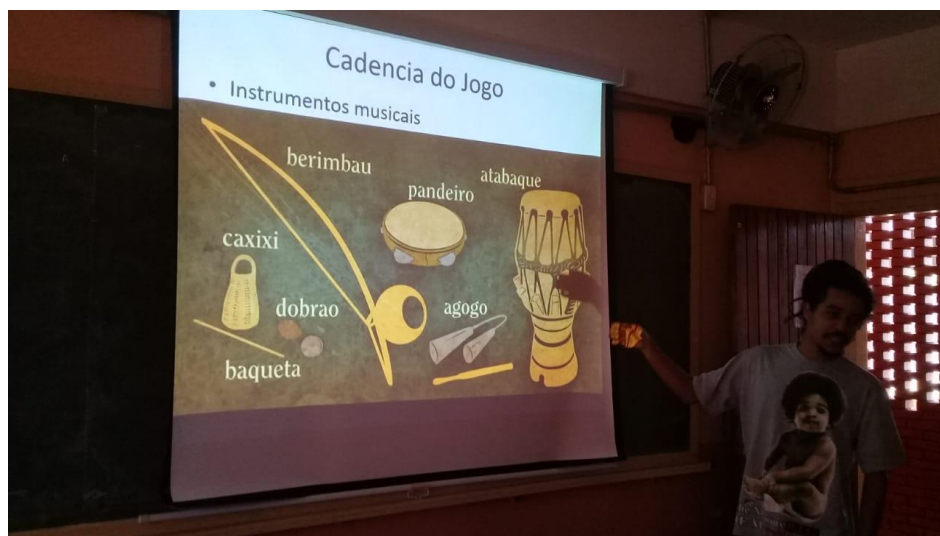


Foto: FARDILONE, 2019

Após a apresentação teórica e diálogo, houve também a importante participação do mestre de Capoeira Gildo, com mais de trinta anos de experiência na cultura, residente em Ourinhos e responsável pelo grupo de Capoeira Ritmo Baiano, o qual dialogou com os alunos a respeito de sua vivência na Capoeira, a importância dos mestres e professores de capoeira e, de maneira prática, tocou berimbau e apresentou a eles aspectos importantes da musicalidade nesta arte,

como os ritmos emitidos pelo instrumento musical e responsáveis pelo tipo e velocidade de jogo desenvolvidos nas rodas.

Imagem 9: Foto - Participação do Mestre Gildo.



Foto: FARDILONE, 2019

No momento da aula, os alunos se interessaram bastante por este ser um assunto diferente do rotineiro e próximo de suas vivências, sendo também um assunto gerador de muitas dúvidas e curiosidades. Após a chegada do Mestre Gildo em sala de aula os alunos se empolgaram ainda mais para ouvir o som do berimbau, interagir e aprender com as músicas de capoeira, além de tirar dúvidas sobre a história e prática desta cultura.

Imagem 10- Participação da professora de Educação Física



Foto: FARDILONE, 2019

Durante a aula contamos também com uma breve participação da professora de Educação Física, que contextualizou o assunto cultural sob o aspecto da prática esportiva e mencionou que este seria o próximo tema da apostila de Educação Física da turma. Desta forma, a professora demonstrou que a Capoeira, além de ser um bom tema para se estudar as relações espaciais, de região e território, com sua ampla riqueza cultural, ela pode ser trabalhada também de maneira interdisciplinar entre Geografia, História, Educação Física ou Artes.

Ao final da aula houve satisfação com a aplicação e com os resultados, pois foi perceptível o quanto este tema chamou a atenção dos alunos e envolveu todos os presentes no processo de ensino, desde os alunos, o Mestre de Capoeira e as professoras de Geografia e Educação Física. Foi levado para dentro da sala de aula uma cultura popular de origem afro-brasileira e que tem relação com o cotidiano dos alunos em suas vivências extraclasse.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lei 10.639 que deveria assegurar o ensino de História da África, dos africanos e dos afro-brasileiros, resgatando a importância destes para a formação da sociedade brasileira, foi instaurada há 15 anos e, de acordo com estudos, esta não sendo posta totalmente em prática, sendo aplicada somente da iniciativa individual de determinados professores. Estes assuntos, quando tratados nos livros didáticos, são abordados de maneira superficial e os professores, muitas vezes, não obtêm conhecimento aprofundado sobre determinadas culturas, possivelmente por muitos destes terem uma formação antiga de um momento em que estes temas culturais ainda não eram destacados no ensino, ou então por não terem obtido estes conhecimentos em formações também atuais. Estes aspectos dificultam o bom êxito na abordagem de culturas africanas e afro-brasileiras no ensino de Geografia.

Nota-se a importância do ensino africano e afro-brasileiro nas escolas de todo Brasil para que os alunos conheçam, compreendam e respeitem todas as culturas, principalmente as diferentes das suas, exercendo assim uma política de ensino antirracista. Para exemplificar a influência e importância do povo africano na formação sociocultural e territorial do Brasil, foi escolhida a Capoeira como objeto de estudo e tema para se trabalhar através da Geografia Cultural conceitos geográficos que envolvem sua geo-história.

Este tema foi escolhido pelo motivo da proximidade deste pesquisador com a cultura e pelo incentivo do meu mestre a iniciar os estudos sobre a Capoeira, além da percepção da falta de conteúdos relacionados com a cultura afro-brasileira nas aulas de Geografia de diversas escolas. Portanto, este tema se mostra importante para um resgate da história de resistência cultural e social do povo negro no Brasil, assim como sua importância para a formação do território, levando para salas de aula aspectos culturais populares que visam um entendimento de mundo que vai além dos muros escolares.

Para minha pessoa, professor de Geografia e praticante de Capoeira, este tema foi de extrema importância para introduzir aspectos da cultura afro-brasileira no ensino de Geografia, exercendo aspectos legais da Lei 10.639/03. Fazendo conexão entre o estudo do território sobre perspectiva da Geografia Cultural e a cultura popular brasileira.

Apesar desta lei não ter sido direcionada explicitamente a matéria de Geografia, nota-se a importância da abordagem da cultura afro-brasileira nos ensinamentos geográficos, entre estas abordagens destaco a possibilidade de se trabalhar a cultura da Capoeira com diversos conceitos geográficos tais como território, identidade cultural, migrações, entre outros.

Aproveito para finalizar e deixar o convite a todos interessados a se aprofundarem mais nos estudos da Capoeira, em especial os saberes originários transmitidos pelos mestres, e conhecer uma roda de Capoeira para sentir de perto a energia ancestral dessa arte e se deparar com seu grandioso valor.

Imagem 11: Turma do sétimo ano A da Escola Estadual Professor José Augusto de Oliveira, Professora Fátima Fardilone, Mestre Gildo.



Foto: FARDILONE, 2019

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL, (Secretaria da Educação Básica MEC. Base Nacional Comum Curricular, ensino Fundamental, 2017. Brasília (a base, fundamental, geografia no ensino fundamental anos finais, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades) disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/geografia-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>. Acesso em: Ago. 2019.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. **A Geografia Cultural**; tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. **Geografia Cultural: um balanço**. Geografia (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Introdução à geografia cultural**. 3º Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DALBEM, Pacheco Rafaela. **A lei 10.639/2003 e o ensino de geografia: possibilidades de pesquisa e(m) ensino através da literatura africana**. Revista Eletrônica Para Onde?!. UFRGS, 2018.

GRADUAÇÃO – Confederação Brasileira de Capoeira
disponível em: <https://www.afrosan.org.br/graduacao-da-confederacao-brasileira-de-capoeira-e-padrao-do-grupo-nacao-guerreira/>. Acesso em: Abr. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

IPHAN. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF : Iphan, 2014.

LEITE, Maria Cristina Costa. **Ciência geografia, geografia escolar e formação da identidade**. Universidade de Brasília, 2013.

MEDEIROS, José Eduardo Segala; PERES, Luís Sérgio. Artigo: **Capoeira Escolar**. Paraná: PDE 2007. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_jose_eduardo_segala_medeiros.pdf. Acesso: Jul. 2019.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – BRASIL. **Associações de Capoeira no Mundo**.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Educação e africanidades: contribuições do pensamento de kabengele munanga**. Universidade de São Paulo, 2009.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **ESQUINA ONDE A ESPOSA DE MESTRE PASTINHA VENDIA ACARAJÉ. AS MULHERES NA CAPOEIRA!**. Bahia: Mapa da Capoeira, 2018.

PONTUSCHKKA, N.N.; PAGANELLI, T.L.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia** / 1º ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

PROJETO Político Pedagógico, Escola Estadual José Augusto de Oliveira. Ourinhos/SP, 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. SP: ed. Ática, 1993.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapoan, 1968.

ROCHA, Helena do S. C. da. **O que sabe quem ensina África na Geografia? Impactos na implementação da Lei nº 10.639/2003 no IFPA – campus Belém.** Revista Thema, 2011.

ZONZON, CN. **Capoeira Angola: africana, baiana, internacional.** In: MOURA, M. A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 130-165. ISBN 978-85-232-1209-4. Available from SciELO Books .

Vídeos documentários:

CAPOEIRA: A cultura da Ginga. Direção de Heitor Werneck. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa, 2016.(23min).Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Kav-bvk49Y>. Acesso em: Jul.2019.

MANDINGA em Manhattan. Direção de Lazaro Faria. Bahia: DocTV, 2004. (54 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K_y_84AwQl0. Acesso em: Ago. 2019.

MEMÓRIAS Do Recôncavo: BESOURO E OUTROS CAPOEIRAS. Direção de Pedro Abib. Bahia: DocDoma, 2008. (54min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvP42zM5axM>. Acesso em: Jul.2019.

MESTRE Bimba – A Capoeira Iluminada. Direção de Luiz Fernando Goulart. Lumen Produções, 2005. (1h17min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EHnPkkZxcmQ>. Acesso em: Mar.2019.

PASTINHA – Uma Vida Pela Capoeira. Direção de Antônio Carlos Muricy. Rio de Janeiro: Raccord, 1998. (56min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI. Acesso em: Mai. 2019.